



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS E
CONTABILIDADE E SECRETARIADO EXECUTIVO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

BEATRIZ BARBOSA MORAES

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL POR MEIO DE UM PROGRAMA
DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA PRIVADA**

FORTALEZA

2018

BEATRIZ BARBOSA MORAES

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL POR MEIO DE UM PROGRAMA
DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA PRIVADA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em 2018.1 à banca da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em administração.

Orientador: Prof. Dra. Márcia Zabdielle
Moreira.

FORTALEZA

2018

Página reservada para ficha catalográfica.

Utilize a ferramenta *online* [Catalog!](#) para elaborar a ficha catalográfica de seu trabalho acadêmico, gerando-a em arquivo PDF, disponível para download e/ou impressão.

(<http://www.fichacatalografica.ufc.br/>)

BEATRIZ BARBOSA MORAES

MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL POR MEIO DE UM PROGRAMA DE
INTERNACIONALIZAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA PRIVADA

Trabalho de conclusão de curso apresentado em 2018.1 à banca da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em administração.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Márcia Zabdiele Moreira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Diego de Queiroz Machado
Universidade Federal do Ceara (UFC)

Prof. Dr.^a Kilvia Souza Ferreira
Universidade Federal do Ceara (UFC)

A Deus.

Ao meu pai Ivo, à minha mãe Elizabete e tia
Bécia (*In memoriam*), meu irmão Matheus e
ao meu amor, Ruan.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus, por todas as bênçãos concedidas em minha vida e por estar sempre ao meu lado durante toda caminhada.

Aos meus pais, por todo carinho e todo esforço dedicado a mim, por me ensinarem valores e princípios essenciais para o meu desenvolvimento e visão do mundo, principalmente à minha mãe (*in memoriam*), exemplo de mulher guerreira e determinada, que me deu todo o amor e carinho do mundo.

Ao meu irmão Matheus, por todo o carinho e por me incentivar em todos os momentos da minha vida.

À minha tia Bécia(*in memoriam*), por sempre estar ao meu lado em minhas decisões e ter sido como uma mãe para mim durante todo o período de graduação.

Ao meu amor Ruan e a sua família, que sempre me apoiaram e me deram forças para seguir e enfrentar todos os obstáculos durante esta trajetória.

À minha família, amigos e colegas que me acompanharam durante toda a trajetória.

À minha orientadora, Prof. Dra. Márcia Zabdiel, que me ajudou a traçar esse trabalho do melhor modo possível com suas preciosas orientações. Agradeço também aos professores que compõe a banca examinadora, Prof. Dra. Kilvia Ferreira e Prof. Dr. Diego de Queiroz Machado.

À Raquel, Thais, Stefania, Naiara, Michelle, Luana e Daniel, participantes entrevistados nessa pesquisa, pelo tempo e por toda atenção cedida, o que foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

“Uma longa viagem começa com um único passo.” (Lao-Tsé)

RESUMO

A internacionalização da educação superior vem se desenvolvendo e sendo estimulada por diferentes instituições em todo o mundo, através de ações de cooperação acadêmica e mobilidade de estudantes. Esta investigação tem como objetivo geral analisar o processo de mobilidade acadêmica internacional promovido por meio de um programa de internacionalização de uma instituição financeira privada. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa e descritiva, tendo como métodos investigativos a pesquisa documental, bibliográfica e uma pesquisa de campo, através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a sete (7) participantes deste programa de mobilidade. Para a interpretação das informações, foi feita uma análise de conteúdo. Após a análise dos dados, inferiu-se que a possibilidade de mobilidade acadêmica internacional ocorreu somente com a participação da Universidade Federal de origem e também pelo incentivo financeiro concedido pela instituição financeira privada. Apesar de a adaptação cultural ser individual conforme a vivência do participante, a experiência da mobilidade acadêmica internacional contribuiu para a formação acadêmica e profissional e também evolução no âmbito pessoal dos participantes, através do desenvolvimento do pensamento crítico, visão global, contato com uma nova cultura e vivência de situações diferentes da habitual. O trabalho de análise entre a teoria e a prática possibilitou concluir que o programa de internacionalização incentivado por uma instituição financeira privada, traz benefícios para a universidade e participante, que ultrapassam os muros da universidade.

Palavras-chave: Programa de Internacionalização. Mobilidade Acadêmica. Cooperação Acadêmica.

RESUMEN

La internacionalización de la educación superior se está desarrollando y siendo estimulada por diferentes instituciones en todo el mundo, a través de acciones de cooperación académica y movilidad de estudiantes. Esta investigación tiene como objetivo general analizar el proceso de movilidad académica internacional promovido por un programa de internacionalización de una institución financiera privada. Para ello, se desarrolló una investigación cualitativa y descriptiva, teniendo como métodos investigativos la investigación documental, bibliográfica y una investigación de campo, a través de entrevistas semiestructuradas aplicadas a siete (7) participantes del programa de movilidad académica internacional promovido por una institución financiera privada. Para la interpretación de las informaciones, se realizó un análisis de contenido. Después del análisis de los datos, se deduce que la posibilidad de movilidad académica internacional ocurrió solamente con la participación de la Universidad Federal de origen y también por el incentivo financiero concedido por la institución financiera privada. A pesar de que la adaptación cultural es individual según la vivencia del participante, la experiencia de la movilidad académica internacional contribuyó a la formación académica y profesional y también evolución en el ámbito personal de los participantes, a través del desarrollo del pensamiento crítico, visión global, contacto con una nueva cultura y, vivencia de situaciones diferentes de la habitual. El trabajo de análisis entre la teoría y la práctica permitió concluir que el programa de internacionalización incentivado por una institución financiera privada, trae beneficios para la universidad y participante, que sobrepasan los muros de la universidad.

Palabras clave: Programa de Internacionalización. Movilidad Académica. Cooperación Académica

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução do número de estudantes matriculados fora do seu país de cidadania (1975 - 2012) (em milhões)	30
Gráfico 2 - Distribuição de intercambistas no ensino superior, por região de origem (2013)	31
Gráfico 3 - Adaptação Cultural: U-Curve	36
Gráfico 4 - Modelo de adaptação e crescimento (KIM, 1995)	38
Gráfico 5 - Análise dimensões Hofstede- comparativo entre os países destino dos participantes	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Desafios enfrentados na mobilidade acadêmica	35
Quadro 2 - Perfil dos entrevistados	42
Quadro 3 - Profissões antes e após o programa de mobilidade acadêmica dos participantes	50
Quadro 4 - Etapas do Programa de Bolsas Ibero – Americanas para Estudantes de Graduação	51
Quadro 5 - Relação Participante X Vínculos em Instituição Financeira Privada e com a UFC	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Países destino na Graduação Sanduíche do programa Ciência Sem Fronteiras...	29
Tabela 2 - Renda Média Familiar para os Estratos Sócio Econômicos do Brasil	43
Tabela 3 - Alunos da UFC no exterior por países (mobilidade acadêmica) – 2007 a 2016..	43
Tabela 4 - Convênios da UFC com universidades estrangeiras – 2016	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
BELTA	<i>Brazilian Educational & Language Travel Association</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CSF	Ciências sem fronteiras
ERASMUS	<i>European Action Scheme for the Mobility University</i>
FAUBAI	Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais
GATS	Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços
GATT	Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio
IBM	International Business Machines
IELSALC	Instituto Internacional para o Educação Superior da America Latina e Caribe
IES	Instituição de Ensino Superior
MARCA	Mobilidade Acadêmica Regional em Cursos Acreditados
MCMD	Mais Ciência, Mais Desenvolvimento
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMC	Organização Mundial do Comércio
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
STB	<i>Student Travel Bureau</i>
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNILA	Universidade Federal de Integração Latino Americana

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS	18
2.1	Expansão das Universidades Federais	18
2.2	Cooperação Acadêmica Internacional	20
2.3	Comercialização do ensino superior	24
2.3.1	<i>Mobilidade acadêmica internacional.....</i>	26
2.3.1.1	<i>Estatísticas e cenários da mobilidade acadêmica internacional.....</i>	30
3	GESTÃO TRANSCULTURAL	33
3.1	Dimensões culturais	33
3.2	Adaptação cultural	35
4	METODOLOGIA	39
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	42
5.1	Perfil dos Participantes, Critérios de Escolha do País Destino e Conhecimento do Programa.....	42
5.2	Adaptação cultural	45
5.3	Contribuição da mobilidade acadêmica internacional para a formação acadêmico profissional	49
5.4	O Papel da Universidade e Instituição financeira privada no programa de mobilidade acadêmica internacional.....	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	65

1 INTRODUÇÃO

As conjunturas políticas, econômicas, tecnológicas, sociais e culturais mundiais sofrem constantes mudanças e a interdependência entre países nos seus diversos âmbitos de atuação se mostra cada vez mais presente. Como consequência deste processo, cada vez mais a inter-relação também ocorre entre as Universidades e estas devem estar se preparando para participarem da dinâmica da difusão do ensino, do conhecimento científico, cultural e tecnológico (CENERINO; SILVA, 2008).

Segundo Matos (1993), a sociedade da informação requer pessoas atualizadas. A educação é um processo que aumenta os avanços tecnológicos e torna os mercados menos desiguais e distribui melhor a renda. Contribuindo com este pensamento, Mariano (2017) acredita que a internacionalização educacional remete à qualidade do ensino disponibilizado na Educação Superior, obtendo uma formação mais ética e ciente na sociedade.

Nesse cenário, de acordo com Castro e Cabral Neto (2012), o ensino superior é um ponto estratégico para inserção de pessoas no mercado de trabalho como também para o desenvolvimento da cidadania, despertando interesses de instituições públicas e privadas para internacionalização da educação superior. Segundo a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO, 2009), existem mais de 100 milhões de estudantes de ensino superior no mundo. Destes, 2,7 milhões estão matriculados fora de seus países e a previsão para o ano de 2025 é de aproximadamente 7,2 milhões de estudantes em mobilidade no exterior (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009).

A mobilidade acadêmica internacional, mais conhecida como intercâmbio internacional, surgiu na Idade Média e agora se apresenta como necessidade e resposta à exigência para a formação dos cidadãos com competências globais (STALLIVIERI, 2009). É um processo que se caracteriza pela mobilidade de estudantes temporária para outro país, interessados em aperfeiçoar o domínio de uma língua estrangeira, participação em algum curso, e posterior retorno ao seu país de origem (CICCHELLI, 2008).

De acordo com o comunicado da Conferência Mundial de Ensino Superior, as instituições de educação superior, têm responsabilidade social de ajudar no desenvolvimento, através da troca de conhecimentos pelo mundo, desse modo auxilia no crescimento do entendimento mútuo e da cultura de paz (UNESCO, 2009).

As organizações também notaram o valor e a importância de investir na capacitação de indivíduos para ampliar o seu capital intelectual, pois quanto maior o número de pessoas internacionalizadas e preparadas para lidar com a diversidade cultural, mais chances estas

indivíduos e seus respectivos países têm de se desenvolver. Desse modo, a mobilidade estudantil e acadêmica alcança essa magnitude principalmente pelos valores que a experiência e competência intercultural oferecem, preparando cidadãos e instituições para cooperar globalmente (BRASIL, 2010).

Segundo Lima e Contel (2009), o Brasil destaca-se no cenário da internacionalização saindo de uma modalidade passiva para ativa, com o incentivo da formação de grupos de estudos e pesquisa sobre temas estratégicos do governo, concessão de bolsas de doutorado em áreas estratégicas e cooperação acadêmica com a chegada de professores visitantes e ida de estudantes para o exterior.

O interesse da participação e investimentos de empresas privadas em questões de interesse público vem ganhando forças, por estarem associadas a questões estratégicas e por gerarem um diferencial competitivo valorizado pelo seu mercado alvo. Houve um aumento significativo de publicações, debates, reportagens, prêmios e entidades dedicadas à promoção do investimento das empresas na área social, em especial no Brasil, promovendo a responsabilidade que as empresas têm com seu entorno, sua cadeia produtiva, com a comunidade em que está inserida e com o ambiente como um todo, já que depende de todos eles para sobreviver (SCHOMMER, 2000).

Contribuindo com este pensamento, Moretti (2010) reforça que as empresas devem retribuir de forma justa, para toda a sociedade, as oportunidades por essa conferidas às organizações no concernente a ganhos e lucros. Há uma grande preocupação das instituições financeiras em implantar na sociedade, especialmente em seus clientes, uma imagem associada à Sustentabilidade e iniciativas sociais como fator de diferenciação, que alcança crescentes índices de interesse pela sociedade em geral.

Uma experiência de estudo no exterior traz diversos benefícios aos estudantes, incluindo melhorias na proficiência em uma língua estrangeira, maior interesse em assuntos internacionais, maior adaptabilidade e crescimento pessoal. Quando essas pessoas se deslocam para viver em outro país, seja para estudar, trabalhar ou morar, as diferenças culturais são percebidas, mesmo que de formas diferentes por cada indivíduo, influenciando na sua adaptação cultural. Isto ocorre, pois, o estrangeiro, ao migrar para outro país, traz consigo suas próprias referências culturais, que envolvem hábitos, crenças, valores, costumes, idioma, história, forma de se relacionar, entre outras (STALLIVIERI; PILOTTO; BIRCH, 2015).

Nesse contexto, a pesquisa orientou-se pelo seguinte problema: Como se dá a mobilidade acadêmica internacional por meio de um programa de internacionalização de uma

instituição financeira privada?

A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar o processo de mobilidade acadêmica internacional promovido por uma instituição financeira privada e como objetivos específicos:

- a) Analisar o processo de adaptação cultural no país destino dos participantes do programa de mobilidade acadêmica internacional promovido por uma instituição financeira privada.
- b) Analisar a contribuição do programa de mobilidade acadêmica internacional, promovido por uma instituição financeira privada, para a formação acadêmico profissional dos participantes.
- c) Identificar o papel da Universidade e da Instituição financeira privada no programa de mobilidade acadêmica internacional promovido por uma instituição financeira privada.

O interesse por desenvolver uma pesquisa sobre internacionalização de estudantes surgiu pelo fato da pesquisadora ter sido bolsista do programa de mobilidade acadêmica promovido pelo banco Instituição financeira privada, gerando diversos questionamentos acerca das contribuições do processo de intercâmbio.

A relevância deste estudo se justifica por evidentes tendências de internacionalização, por apresentar-se como exigência para a formação dos cidadãos, cujo perfil deve pressupor o domínio de habilidades linguísticas e interculturais, assim como de competências globais (STALLIVIERI, 2004). A investigação em questão tem como foco as contribuições da internacionalização para a formação acadêmico-profissional e para a sociedade, a qual poderá potencializar as experiências dos alunos no exterior através da identificação de desafios e dificuldades enfrentadas pelo participante durante a mobilidade e no seu retorno ao país de origem.

O método de pesquisa utilizado é de natureza qualitativa; Quanto ao meios, pesquisa de campo, documental e bibliográfica; e quanto aos fins pesquisa descritiva e exploratória, apoiando-se em técnicas de coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto aos participante do programa de mobilidade acadêmica internacional promovido por uma instituição financeira privada. Por fim, a análise de dados foi feita por meio da técnica de análise de conteúdo.

Essa pesquisa foi estruturada em seis seções: a primeira seção é a introdução. A segunda discorre sobre o processo de internacionalização das universidades federais, acordos

internacionais e promoção da mobilidade acadêmica internacional. A terceira seção aborda a gestão transcultural, sendo apresentada teorias sobre as dimensões culturais e adaptação cultural. A quarta seção apresenta a metodologia utilizada na pesquisa. A quinta apresenta a análise de dados coletados e, por fim, na sexta seção, as considerações finais.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

As universidades são instituições de produção e disseminação do conhecimento, que possuem como base de sustentação três pilares: ensino, pesquisa e extensão (SLEUTJES,1999). Segundo Stallivieri(2002), o seu caráter internacional está atrelado ao surgimento das primeiras escolas européias na Idade Média, conhecidas como “Universitas”. Estas eram constituídas como Comunidades Internacionais, compostas por professores e estudantes de várias localidades do mundo que tinham como objetivo em comum a busca do conhecimento.

A universidade, como espaço gerador do conhecimento, tem contribuído com o ambiente no qual está inserida, sendo propulsoras do desenvolvimento social, econômico e cultural de uma sociedade, gerando avanços tecnológicos e no fluxo de informação, que têm aproximado os povos e têm feito com que as populações tenham acesso rápido e direto ao que ocorre no mundo, gerando um acelerado processo de internacionalização (STALLIVIERI, 2002). Uma vez que um país pode contar com instituições de ensino superior internacionalizadas, melhorará seu desenvolvimento, o crescimento de sua economia, a expansão de sua projeção intelectual, maior participação ativa e participação nos fóruns globais, a melhoria da importância do papel dos pesquisadores no cenário global (STALLIVIERI, 2017).

Segundo Reppold (2010), a internacionalização, além de envolver o deslocamento de pessoas, é um processo social com múltiplas faces, que envolve conceitos, estruturas, valores, culturas, que acarretam em importantes implicações econômicas, políticas, sociais e culturais aos países, às instituições e aos professores, servidores e alunos envolvidos

Teles (2005) acredita que a internacionalização universitária deriva de uma necessidade de um novo perfil profissional para atuar no mundo em constante transformação, que exige postura crítica com desenvoltura internacional.

2.1 Expansão das Universidades Federais

O reconhecimento do papel da universidade como um instrumento de transformação social e desenvolvimento do país, de forma competente no cenário internacional, mobilizou movimentos para que houvesse a expansão da educação superior pública e gratuita no Brasil (MEC, 2012).

Em 1989 foi criada a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), a qual reúne as universidades federais do Brasil. Em agosto de 2003, apresentou ao Presidente Lula, uma proposta para dobrar o número de alunos nas universidades sem comprometer a qualidade, priorizando cursos noturnos, a formação de professores para a educação básica e a superação das desigualdades regionais. No mesmo ano, a expansão da Rede Federal de Educação Superior se iniciou, com a interiorização dos campi das universidades federais. Com isso, o número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 em 2003 para 237 até o final de 2011. Desde o início da expansão foram criadas 14 novas universidades e mais de 100 novos campi que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação (ANDIFES, 2012).

A expansão da educação superior é apoiada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Ele foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Com o Reuni, o governo federal implantou diversas medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior, de modo que diminua as desigualdades sociais no país. Dentre as diretrizes do programa está também ampliação da mobilidade estudantil (REUNI, 2010).

Conforme o Censo da Educação Superior de 2014, o Brasil contava com 2.368 instituições de ensino superior, das quais 298 eram públicas, sendo 107 do sistema federal, 118 estaduais e 73 municipais. O número tem se mantido estável ao longo dos últimos anos, com oscilações que deriva das dinâmicas de aquisições e fusões de instituições. Nesse ano, o sistema público acolhia um total de 1.643.298 matrículas de graduação. O setor privado compreendia 2.099 instituições, com 4.736.001 matrículas de graduação. A cada ano têm ingressado 2.182.229 novos estudantes de graduação em todas as modalidades no sistema nacional de educação superior (INEP, 2017).

Segundo o MEC (2007), a expansão das universidades federais deve estar intimamente ligada a reestruturações acadêmicas e curriculares que proporcionem maior mobilidade estudantil, trajetórias de formação flexíveis, redução das taxas de evasão, utilização adequada dos recursos humanos e materiais no sentido de consolidar, aperfeiçoar e melhorar a qualidade da educação superior, bem como proporcionar aos estudantes formação multi e interdisciplinares, formação humanista e desenvolvimento do espírito crítico.

Sendo responsáveis pelo processo de qualificação e capacitação de grande número de profissionais por gerar e difundir conhecimento científico tecnológico e pela capacitação que são estrategicamente essenciais para o Brasil, as universidades são, em consequência, afetadas pelo processo de globalização e precisam responder às novas exigências que lhes são colocadas (DUARTE; LIMA JÚNIOR; BATISTA, 2007). Pode-se observar que além da competição influenciada pelo mercado, outros elementos que motivam a internacionalização da Universidade, buscando a ampliação de suas capacidades de investigação e de conhecimento, além de ampliar seu entendimento intercultural (STALLIVIERI, 2017).

Segundo a ANDIFES (2012), a continuidade da política de expansão das universidades é necessária para oferecer respostas acadêmicas, políticas e estratégicas aos novos desafios da atualidade, considerando a busca da excelência e da internacionalização, com ênfase nas seguintes ações:

- adequação da universidade às novas demandas e ao contexto global gerado pela sociedade do conhecimento;
- gerar mão de obra qualificada que atenda as necessidades sociais, econômicas e com padrões apropriados de sustentabilidade para o novo ciclo de crescimento e desenvolvimento que se expressa no ambiente global;
- produção de ciência, tecnologia e inovação para inserir o país globalmente;
- produção e troca de conhecimentos para promover a igualdade, a inclusão e auxilie na formação de cidadãos com valores humanos.

2.2 Cooperação Acadêmica Internacional

De acordo com Vilalta (2012), para que ocorra o processo de internacionalização da IES, se faz necessário a existência de ações de cooperação internacional, pois são elas que contribuem para o desenvolvimento e qualificação do setor da educação superior, devendo ser parte da estratégia dessas instituições.

A atual cooperação internacional na educação superior é considerada elemento obrigatório e se liga aos ideais mercadológicos de competitividade, geração de renda, formação de recursos humanos, estabelecimentos de alianças estratégicas. Valores importantes comumente observados no mundo empresarial (DE ASSIS SILVA; DE MARI, 2017).

A prática da internacionalização é incentivada como política e considerada como critério de avaliação da educação superior por organismos internacionais que debatem os rumos da Educação Superior, como a Conferência Mundial sobre Educação Superior da

UNESCO em Paris realizada em 1998, o qual originou a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI, que destaca a importância do ensino superior para o desenvolvimento sociocultural, econômico e intelectual dos países, expondo e reforçando a necessidade de ampliação dos processos de internacionalização da educação, com o compartilhamento de conhecimento e a cooperação acadêmica internacional como instrumentos para a paz e harmonia entre os povos, devendo ser estimulada por toda comunidade internacional. As instituições de ensino superior devem ter como missão a internacionalização, criando uma estrutura apropriada para promovê-la e organizá-la (DIAS, 2017).

De acordo com Stallivieri (2017), esta declaração passou a orientar, em escala mundial, as ações e políticas empreendidas pela UNESCO para o ensino superior, que possuía como objetivo mais importante a necessidade de internacionalização, considerando um passo necessário para o desenvolvimento equilibrado das nações através da educação e não mais como uma opção. No mesmo documento, a UNESCO se comprometeu a fazer da promoção da cooperação internacional seu principal objetivo e suas ações se concentrariam no ensino superior, principalmente para a qualidade de pesquisas desenvolvidas nos países pobres e em desenvolvimento. (DE ASSIS SILVA; DE MARI, 2017).

Segundo Oliveira (2015), as transformações que se verificam na internacionalização da educação superior refletem na condução das relações diplomáticas entre os países como meio de promover o acesso a instrumentos de cidadania global à população.

A UNESCO no Brasil participa com o Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e Caribe (IESALC) em dois projetos de implementação de universidades de integração intercultural, baseadas em valores essenciais como o respeito aos direitos humanos, ao diálogo intercultural, à diversidade cultural e à paz entre os povos: Universidade Federal da Integração Latinoamericana - UNILA: sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, para promover o desenvolvimento de uma mentalidade de integração regional e a Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira - UNILAB: sediada no Ceará, Brasil, para contribuir com o intercâmbio entre o Brasil e os demais Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os africanos (UNESCO, 2017).

A Cooperação Acadêmica Internacional ocorre através de um trabalho conjunto, realizado através de um estabelecimento de ensino envolvendo duas ou mais nações. Cada vez mais a Universidade tem sido incentivada a realizar acordos internacionais enviando e recebendo alunos, professores e pesquisadores em programas de intercâmbio de cooperação

acadêmica, considerados importantes para o relacionamento intercultural e formação profissional (DIAS, 2017).

Através da internacionalização e de ações de cooperação internacional, as instituições esperam melhores níveis internacionais de visibilidade e reconhecimento internacional. Como consequência, as IES tornam-se atraentes para os investimentos estrangeiros: melhoram o desenvolvimento local, regional e nacional, ampliam a capacidade de comunicação dos alunos através da proficiência de línguas estrangeiras, expandem as habilidades interculturais dos estudantes devido ao aperfeiçoamento dos comportamentos interculturais e da compreensão de diferentes culturas. Uma instituição de ensino superior que se propõe a internacionalizar-se precisa ter uma estratégia clara a respeito dos seus instrumentos de cooperação acadêmica internacional devendo fazer parte de sua missão (STALLIVIERI, 2017).

O processo de internacionalização no período Pós Guerra Fria foi motivado pelos processos de integração regional (União Europeia, Mercado Comum do Sul- MERCOSUL), pelo crescimento da concorrência entre países, seus centros de pesquisa e universidades, principalmente dos Estados Unidos e União Europeia, para atrair cientistas e a competição entre centros de pesquisa e universidades de cada país (MILANI; TUDE, 2015).

Em 1999, os ministros de educação dos países membros da União Europeia assinaram o Protocolo de Bolonha para fazer convergir seus sistemas universitários e atualizar a qualidade e competitividade desses no cenário mundial. Esse acordo marca o início da Reforma Universitária Européia ue alinha as Universidades quanto à sua estrutura e duração de seus cursos de graduação e pós-graduação, gerando ampliação e intensificação da mobilidade acadêmica entre os países participantes, tendo como estratégia o desenvolvimento da educação superior na Europa (LUCE; FAGUNDES; MEDIEL, 2016).

O MERCOSUL, formado pela Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguay, também criou um espaço educacional comum, visando efetivar a coordenação de políticas para realizar o processo de integração, estimulando a mobilidade, o intercâmbio e a formação de uma identidade e cidadania regional, feito pela estrutura específica dentro da organização, o Mercosul Educacional. Através dessa iniciativa, a internacionalização tem se fortalecido na esfera regional, com a implantação de diversas iniciativas para facilitar o diálogo entre os Estados-membros na área, em que se destacam os esforços para facilitar a mobilidade de estudantes e professores (durante um semestre letivo) e o reconhecimento de diplomas, como o desenvolvido Programa de Mobilidade Acadêmica Regional em Cursos Acreditados (Marca) (OLIVEIRA,2015).

As políticas de internacionalização brasileira iniciaram 1930 com projetos de cooperação nos quais professores visitantes traziam cursos com o objetivo de fortalecer as universidades públicas brasileiras (ARAÚJO, 2014).

No ano de 1978 são criadas as primeiras Assessorias de Relações Internacionais nas Universidades Brasileiras e no ano de 1988, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras cria o Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (FAUBAI), que tem como principal objetivo a promoção da cooperação internacional como mecanismo para a melhoria do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão acadêmica nas instituições de ensino superior brasileiras (JUSTINO, 2009).

Segundo Trujillo (2013), o Brasil passa basicamente por quatro fases na internacionalização da Educação Superior sendo:

Primeiro período (1930-1950) em que os programas de cooperação acadêmica tinham como prioridade as missões que traziam professores visitantes, no intuito de fortalecer as universidades que já existiam e para consolidar novas; Este período foi marcado pela necessidade de fortalecimento institucional e ampliação no número das instituições nacionais

Segundo período (1960-1970): Promoção de programas de bolsas de estudo para cursos de Mestrado e Doutorado, com a participação de agências nacionais e internacionais, marcado pelo envio de estudantes para o exterior, principalmente para os Estados Unidos, com a finalidade de reproduzir, no sistema nacional brasileiro, o modelo norte americano.

Terceiro período (1980-1990): Programas de cooperação acadêmica internacional que fomentavam a criação de grupos de pesquisa, a vinda de professores visitantes, concessão de bolsas de doutorado em áreas consideradas prioritárias, e a implantação das bolsas sanduíche de doutorado. Esses programas buscavam a expansão e consolidação da Pós-Graduação stricto sensu, assim como o incremento de pesquisas de ponta em áreas consideradas estratégicas;

Quarto período (século XXI): Neste período é priorizado a cooperação internacional mediante a formação de grupos de pesquisa em áreas estratégicas de interesse compartilhado, continuando o incentivo à realização de doutorados em áreas sem tradição de pesquisa no país, e a criação de universidades federais que possuem como estratégia ações que promovam a internacionalização.

2.3 Comercialização do ensino superior

Os deslocamentos realizados para trocas comerciais e outros eventos, tornaram-se mais comuns a partir da Revolução Industrial, com a evolução dos meios de transporte e de comunicação. Os relacionamentos comerciais se intensificaram com o processo de globalização e pela formação de blocos econômicos (MINISTERIO DO TURISMO, 2010).

A Organização Mundial do Comércio (OMC), a partir de 1995, deu maior institucionalidade às negociações comerciais multilaterais, criando o Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio (GATT) e o Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (GATS) (LAUS, 2012).

Segundo Sauv  (2010), o GATS tinha por objetivo a liberaliza o do comércio de todos os tipos de serviços, incluindo o de educa o, possibilitando a sua explora o mercantil em escala mundial, possibilitando abertura também   participa o estrangeira.

De acordo com Laus (2012), por este acordo, a educa o superior começou a ser vista como um produto, e dado o fortalecimento das novas tecnologias de informa o seria mais fácil de ser disseminada. Assim, além da mobilidade dos alunos e dos professores como consumidores e fornecedores, o Acordo previa a mobilidade e oferta no exterior de programas e de estabelecimentos de ensino, em quatro as principais formas de internacionaliza o dos bens e dos serviços educacionais no mundo atual, sendo elas:

1- Consumo de serviço no exterior: refere-se ao fornecimento de um serviço em um país para consumo de um membro de qualquer outro país, como por exemplo, a mobilidade internacional de estudante, turismo ou viagens de negócios. Atualmente representa a maior parte do mercado global para serviços de educa o (SAUVÉ, 2010).

2- Presta o do serviço no exterior: caracteriza pela existência de um provedor de serviço proveniente de um determinado país, através da presença física deste em outro país. Trata-se de um mercado potencial, dada ênfase no aumento da demanda para a mobilidade de profissionais altamente qualificados como professores e pesquisadores (SAUVÉ, 2010).

3- Oferta transfronteiriça dos serviços: onde o fornecedor e o consumidor permanecem cada um em seus países, como os serviços *online* e a Educa o a Distância. Comparável   exporta o de uma mercadoria. Atualmente,   um mercado relativamente pequeno, mas em ligeiro crescimento, por ter ótimo potencial através do uso da Internet (SAUVÉ, 2010).

4- Presença comercial: este tipo de internacionaliza o ocorre por um provedor do serviço de um país através da presença comercial no território de qualquer outro, através de

investimento externo direto, como por exemplo, os campi satélites, centros de formação empresariais privados e presença de pessoas físicas (mobilidade internacional de professores). Tem despertado interesse crescente e tem forte potencial para crescimento futuro (SAUVÉ, 2010).

Tendo em vista que a mobilidade acadêmica internacional passou a ser entendida como um ativo econômico, ela também passou a atuar como fator de equilíbrio econômico dos países e regiões envolvidas, pois precisa ser assegurada nas fontes de financiamentos, que devem ser suficientes e adequadas para a expansão, modernização e desenvolvimento continuado do sistema e para os avanços na autonomia didático-científica, financeira e administrativa (LAUS, 2012).

A mobilidade acadêmica internacional transporta, na maioria dos casos, dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, milhões de dólares para os países desenvolvidos, como Estados Unidos, França, Canadá, Japão, Nova Zelândia, Reino Unido, Austrália e Alemanha, em troca de conhecimento em instituições de Ensino Superior e centros de pesquisa conceituados.

Estas movimentações compõem parte essencial na balança comercial desses países segundo a OCDE em 1999, movimentou cerca de 30 bilhões de dólares, dez anos depois este número aumentou 130%, movimentando mais de 70 bilhões de dólares por ano. Estes gastos se referem a compras de passagens, à contratação do seguro saúde, a cobertura dos custos fixos e variáveis dos estudantes no estrangeiro (STALLIVIERI, 2017).

Ao relacionar a internacionalização da educação superior que oferece grande potencial de crescimento com a política externa brasileira, percebe-se que o investimento em políticas públicas dessa natureza necessita de planejamento e ações coordenadas, pois apesar do reconhecimento quanto à sua necessidade é um setor pouco financiado pelo governo, principalmente para graduação (OLIVEIRA, 2015).

Em 26 de Julho de 2016, a CAPES publicou não iria conceder bolsas de intercâmbio a estudantes brasileiros de graduação pelo programa Ciências sem Fronteiras (CsF), apontando a necessidade de aperfeiçoamento do programa. De acordo com os dados divulgados na nota, em 2015 a Capes gastou R\$ 3,248 bilhões para custear o intercâmbio de 35 mil bolsistas, valor igual ao investido em alimentação escolar para atender 39 milhões de alunos. A Capes planeja a retomada do Ciência sem Fronteiras com foco no ensino de idiomas, no país e no exterior, a incluir jovens pobres do ensino médio matriculados em escolas públicas e foco em bolsas de mobilidade internacional para pós-graduação (CAPES, 2016).

Como proposta para a substituição do programa Ciências sem Fronteiras, no governo Temer, surgiu o programa Mais Ciência, Mais Desenvolvimento (MCMD), com foco em bolsas de estudos no exterior em pós-graduação e promoção da internacionalização das Universidades brasileiras. Os alunos de graduação poderão participar desde que estejam ligados a iniciação científica e às coordenações de curso. Visando o sucesso do programa, a Capes irá demandar maior comprometimento das instituições de ensino e maior rigor na seleção de bolsista e ênfase na mobilidade de doutorandos, pós doutorandos e professores para o exterior (UFSC, 2017).

Reforçando a ideia de Oliveira (2015), Justino (2009) afirma que para a graduação, não existe uma política de incentivo ou orientação com objetivos claros nacionalmente definidos. Como consequência, somente aqueles alunos que possuem recursos financeiros familiares suficientes tem a oportunidade de realizar o intercâmbio. Agentes externos perceberam esta deficiência, e iniciaram a oferta de bolsas de estudo aos brasileiros através de seus governos, universidades e bancos, com o objetivo de colocação de produção do país no mercado internacional, pela disseminação lingüística e cultural (JUSTINO, 2009).

2.3.1 Mobilidade acadêmica internacional

O nível de conhecimento requerido pelo mercado de trabalho é cada vez mais alto e exige das pessoas uma visão global com maior sensibilidade às culturas diferentes. Assim, as experiências vivenciadas e o desenvolvimento das habilidades e competências, é condição básica para um profissional se insira no mercado de trabalho global, altamente competitivo (DUARTE; JÚNIOR; BATISTA, 2007).

Esta realidade impõe que as organizações tenham profissionais com competências específicas e que apresentem uma visão sistêmica de forma que possam trabalhar em ambientes diferentes de seu ambiente regional, buscando uma comunicação transcultural. Dominar outros idiomas ou ter experiências transculturais passa a ter uma importância tão grande quanto os conhecimentos e experiências específicas relacionadas à profissão (JUSTINO, 2009).

A mobilidade acadêmica internacional é um processo que ocorre quando um estudante de nível superior realiza estudos em outra instituição, sendo eles reconhecidos pela sua instituição de origem. Dessa forma, além da complementação de seus estudos, possibilita o conhecimento prático de novas culturas (CENERINO; SILVA, 2008).

A mobilidade acadêmica internacional depende da existência de um acordo entre uma Universidade Brasileira e Universidade ou Instituto de Pesquisa do exterior ou acordos de cooperação entre o governo brasileiro e governo estrangeiro com a participação de Universidades brasileiras. Qualquer acordo tem o prazo de vigência máxima de cinco anos e ao final desse período, caso haja interesse pelas partes em continuar o acordo, um novo convênio deverá ser assinado (MEC, 2013).

A mobilidade acadêmica é um caminho necessário para a melhora na qualidade e da excelência do ensino, da pesquisa e das atividades de extensão realizadas nas instituições de ensino e uma estratégia para desenvolvimento econômico, político e social aos países, e com a cooperação internacional, é possível diminuir o atraso e a lacuna que distancia esses países das nações desenvolvidas (SILVA, 2017).

Para Stallivieri (2002), não somente a mobilidade de estudantes, como também a de professores e de gestores, intensifica os elos transnacionais, aproximando as comunidades científicas de diferentes partes do mundo e reforça o papel da universidade para grandes avanços científicos e tecnológicos.

Os programas de mobilidade estudantil, também são conhecidos como intercâmbio internacional. Este se caracteriza pela mobilidade de estudantes para outro país interessados em aperfeiçoar o domínio de uma língua estrangeira ou realizar curso oferecido por uma instituição de educação, podendo ter o prazo para realização de até 12 meses, o que diferencia intercambistas de turistas. O intercambio também exige que o estudante retorne ao seu país de origem após conclusão das atividades, diferenciando intercambistas de imigrantes (CICCHELLI, 2008).

Dentre os principais benefícios proporcionados por esse segmento estão: a valorização da identidade cultural, o resgate e a dinamização da cultura, a preservação do patrimônio histórico e cultural e o intercâmbio cultural, como um fator de promoção da paz entre os povos a partir do conhecimento, da compreensão e do respeito à diversidade (BRASIL, 2011)

Nos séculos XVII e XVIII, os melhores estudantes visitavam ou estudavam na melhores universidades como na Alemanha, França, Itália e Grã-Bretanha, esse movimento ficou conhecido como *Grand Tour*. No século XIX, com a Revolução Industrial, outros países, como China e Japão, começam a exportar estudantes. No período pós-guerra houve mudança no conceito de “viagens de estudos”, onde o foco passou a ser a educação para promoção da Paz e na convivência pacífica entre os povos. (JUSTINO, 2009).

A partir da Segunda Guerra Mundial, outro movimento passou a motivar a saída de estudantes de seus países de origem para estudar em países cuja estrutura acadêmico

universitária era de excelência e apresentava melhores condições para o desenvolvimento de pesquisas aplicadas para, em seguida, desenvolvê-las em seus países de origem.

Desde então, Os Estados Unidos passaram a receber um grande fluxo de estudantes de todas as partes de mundo, ocorrendo o mesmo com a Europa, principalmente depois do tratado de Bolonha (1999), o que favoreceu à criação de uma estrutura voltada a atender a estudantes com o perfil itinerante. Esses fluxos de estudantes, técnicos e pesquisadores passaram a compor uma nova cultura de mobilidade com características diferentes da migração de estudantes (BIANCHETTI, 2015).

Na década de 80, iniciou uma nova fase marcada pela mobilidade em grande escala, a qual foi fortemente estimulada pela criação de programas da União Européia como o programa de cooperação European Action Scheme for the Mobility of University Students (ERASMUS), que busca promover a mobilidade de estudantes e a cooperação acadêmica entre doze países da Comunidade Europeia.

Através dele, todos os alunos do ensino superior na União Européia podem solicitar a realização de parte de seus estudos universitários fora de seu país de origem, desde que seja dentro da União Européia. Entre os principais objetivos do programa (voltado exclusivamente para os alunos do ensino superior), podem ser destacados: aumentar a cooperação entre os estabelecimentos de ensino universitário na Europa, incentivar a mobilidade estudantil para consolidar uma “dimensão européia” da educação e melhorar o processo de reconhecimento acadêmico dos diplomas (STALLIVIERI, 2009).

No Brasil, de acordo com Silva (2017), o caráter internacional se faz muito presente no ensino superior, pois além do processo de colonização, as instituições foram criadas com base nos modelos francês e norte-americano de ensino e pesquisa. Um dos tipos de mobilidade acadêmica acontece dentro de nosso próprio País, entre instituições federais de ensino superior. Essa é a missão do Programa Andifes de Mobilidade Acadêmica, aberto a estudantes regularmente matriculados na graduação de universidades federais que já tenham integralizado pelo menos 20% de seus currículos e tenham no máximo duas reprovações nos dois semestres letivos anteriores ao pedido de mobilidade (UFC, 2018).

O extinto Programa Ciência sem Fronteiras para Graduação sanduíche era um programa que buscava promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional que contemplou o total de 15.141 estudantes na Graduação Sanduíche, tendo como principal destino os Estados Unidos, seguido de Portugal e França, conforme Tabela 1.

A iniciativa foi dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MECe teve seu fim decretado após avaliação realizada pelo MEC, chegando à conclusão de que o custo era alto demais para manter os alunos estudando fora do país (Brasil, 2016).

Tabela 1 – Países destino na Graduação Sanduíche do programa Ciência Sem Fronteiras

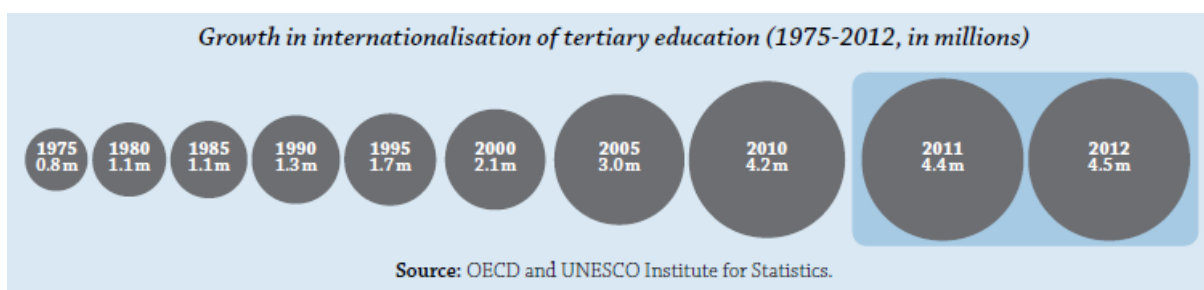
País de destino	Nº de estudantes
Estados Unidos	2927
Portugal	2356
França	1884
Espanha	1848
Canadá	1686
Alemanha	1223
Reuno Unido	1204
Austrália	681
Itália	479
Holanda	432
Coréia do Sul	197
Bélgica	75
Finlandia	36
Chile	29
Suécia	25
Japão	10
Suíça	10
Dinamarca	8
Aústria	7
Irlanda	7
Nova Zelândia	6
Noruega	6
Hong Kong	4
Africa do Sul	1
Cingapura	1
Total Geral	15.141

Fonte: Brasil, 2016.

2.3.1.1 Estatísticas e cenários da mobilidade acadêmica internacional

Em 1975, apenas 800 mil estudantes estavam matriculados no ensino superior fora de seu país de cidadania, esse número foi crescendo ao longo dos anos, alcançando em 2012 4,5 milhões, conforme observado no gráfico 1. Austrália, Áustria, Luxemburgo, Nova Zelândia, Suíça e Reino Unido têm a maior proporção de estudantes internacionais como porcentagem de seu total de inscrições. Cerca de 82% de todos os estudantes estrangeiros estão matriculados nos países do G20 (OECD, 2015).

Gráfico 1 – Evolução do número de estudantes matriculados fora do seu país de cidadania (1975 - 2012) (em milhões)



Fonte: OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), 2015.

A OCDE prevê para os próximos 15 anos, um crescimento de 200% no número de estudantes que realizarão mobilidade acadêmica aproximadamente 10 MM de pessoas realizando estudos fora do seu país de origem

Segundo Castro (2012), os fluxos de estudantes que realizam sua formação no exterior aumentam consideravelmente, e há certas regiões que polarizam estes fluxos. Relacionado à situação econômica dos países, existem dois tipos de mobilidade:

- Mobilidade vertical: representa 60 % dos estudantes em intercâmbio. É mobilidade de estudantes de países desfavorecidos economicamente para países mais desenvolvidos, com objetivo de acesso a programas de melhor qualidade visando colocação no mercado de trabalho no retorno ao seu país de origem.

- Mobilidade horizontal: representa 30 % dos estudantes em intercâmbio entre países desenvolvidos e 10% entre países em desenvolvimento. Esta mobilidade de estudantes entre países que são considerados economicamente iguais.

De acordo com dados fornecidos pelo *Global Flow of Tertiary Level Students do Institute for Statistics* da UNESCO, no ano de 2013, seis países de destino hospedaram quase

metade do estudantes em mobilidade internacional, foram eles: Estados Unidos (19%), Reino Unido (10%), Austrália (6%), França (6%), Alemanha (5%) e Rússia (3%).

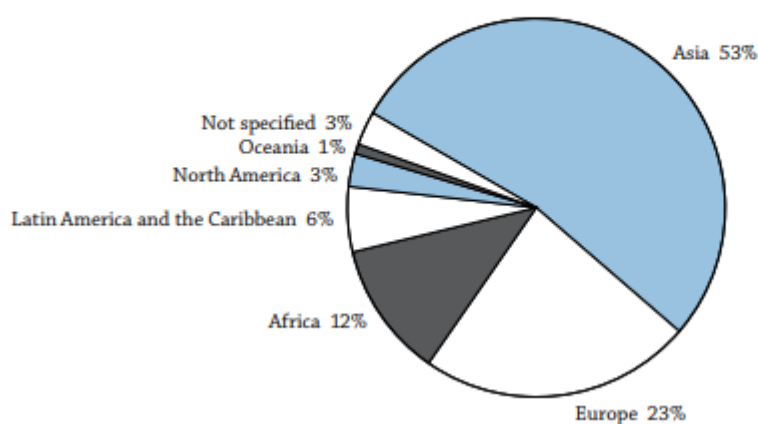
Em pesquisa divulgada pela Associação de Agências de Intercambio (BELTA,2016) realizada com 135 agências de intercâmbio e 1.925 estudantes brasileiros, os países mais procurados são Canadá, Estados Unidos e Austrália, seguidos por Irlanda, Reino Unido , Nova Zelandia Malta, Africa do Sul, França e Espanha. Os fatores que mais foram levados em conta foram custo de vida, moedas mais favoráveis pelo câmbio, e a possibilidade de trabalhar legalmente de forma paralela ao programa de estudos.

A china está como primeira colocada no ranking dos países que mais enviam estudantes ao exterior (441.186), correspondendo a 32% do total, seguida pela Índia (16%) e em terceiro a Republica da Coréia com 112.588 estudantes. Essa posição da região Asiática, principalmente Ásia Oriental, se dá pelo destaque que vem ocupando na nova conjuntura mundial (CASTRO E CABRAL, 2012). De acordo com Lima e Maranhão (2009), esses países têm em comum acelerado processo de crescimento econômico, e em muitos casos a educação superior nacional não avança no mesmo nível, assim eles buscam a expertise e educação avançada presente nos países desenvolvidos. Segundo a OECD e apresentado no gráfico 2, essa região totaliza 53 % em 2012. Em segundo lugar está a Europa, representando 23 %, seguidos pela região da África (12%).

Gráfico 2 - Distribuição de intercambistas no ensino superior, por região de origem (2013)

Chart C4.5. Distribution of foreign students in tertiary education, by region of origin (2012)

Percentage of foreign tertiary students enrolled worldwide



Fonte: OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), 2015.

A preferência dos asiáticos são as instituições estadunidenses, o Reino Unido é o país preferido pelos europeus. As instituições européias (Alemanha, França e Espanha), por sua vez, são preferidas pelos estudantes do Norte da África (Argélia, Marrocos e Tunísia) (LIMA, 2009).

3 GESTÃO TRANSCULTURAL

De acordo com Tupinambá (2012), a pesquisa e a literatura sobre o tema liderança considerando as transformações sociais, evoluíram de teorias que descreviam traços e características pessoais de líderes eficazes e começaram a ter uma abordagem situacional, propondo um estilo mais flexível e adaptativo para uma liderança eficaz para a economia globalizada atual (TUPINAMBÁ, 2012).

O processo de globalização trouxe consigo um aumento da demanda para suprir mercados externos a partir de uma base doméstica para estabelecer subsidiárias em diversos países, adquirindo ou emergindo com firmas estrangeiras ou estabelecendo conglomerados (*joint ventures*) internacionais. Este processo de transição requer um tipo especial de líder que possa tratar da mudança organizacional, geralmente com empregados de diferentes culturas (TUPINAMBÁ, 2012).

De acordo com Feldmann (2010), a localização geográfica impacta hábitos e costumes dos povos e na cultura de um povo, refletindo em seu nível econômico. A cultura, uma vez que não pode ser modificada por decretos ou políticas governamentais, precisam ser conhecidos afundo pelas empresas com que mantém relações internacionais (BARATA, 2011).

Para se dimensionar as relações com diferentes culturas, se faz necessário observar as similaridades e diferença presentes como: valores culturais, identificar impacto nas práticas organizacionais e nas competências de liderança. Posteriormente, deve ser analisado se o conhecimento obtido pode ser interculturalmente generalizado ou se trata de um conhecimento específico da cultura de origem. (TUPINAMBÁ, 2012).

3.1 Dimensões culturais

A cultura é o conjunto de características singulares de um grupo social específico: os valores e normas compartilhados por seus membros influenciam no comportamento e os diferenciam de outros grupos sociais. A cultura de um país envolve instituições econômicas, sociais, políticas e religiosas e determina a forma de gestão de uma empresa, sendo considerado um fator determinante para internacionalização. Em uma negociação é necessário ter um amplo conhecimento do seu negociador, sua cultura e forma de agir (OLIVEIRA, 2013).

As características culturais podem ser evidenciadas através de dimensões culturais, que buscam alguns padrões de comportamento existentes na cultura de um país ou em uma

empresa. Quanto maior a distância cultural, mais difícil tende a ser as relações (LACERDA, 2011).

Em seu primeiro trabalho realizado na década de 80, entre os anos de 1967 e 1973 com os funcionários da International Business Machines (IBM) feito em 50 países, Hofstede (2003) classificou as chamadas dimensões culturais em quatro categorias:

1. Distância do poder: É uma forma de medir quanto membros menos poderosos em uma sociedade aceitam e esperam a distribuição desigual existente. O nível de distância de poder da sociedade é criado em suas famílias através da medida em que seus filhos são socializados em direção à obediência ou para a iniciativa.

2. Aversão à incertezas: está relacionada com o nível de ansiedade cultural. Esta dimensão reflete o sentimento de desconforto que as pessoas sentem com riscos, caos e situações não estabelecidas previamente. As culturas que evitam a incerteza tentam minimizar a possibilidade de tais situações por leis e regras rigorosas, por medidas de segurança, no plano filosófico e religioso. O tipo oposto, as culturas que aceitam a incerteza, são mais tolerantes à opiniões diferentes e tentam estabelecer o mínimo de regras.

3. O individualismo versus o coletivismo: refere-se ao grau para o qual os indivíduos são integrados em grupos. Mede a necessidade que as pessoas têm de cuidar de si, da família, das organizações que pertencem. Em sociedades individualistas, priorizam as metas pessoais, mesmo quando elas conflitam com as de sua família, grupo de trabalho ou país. Os laços entre os indivíduos são soltos e o foco está no “eu”. Nas sociedades coletivistas, as pessoas são integradas a partir do nascimento em grupos fortes e coesos, o foco é alterado para “nós”.

4. Masculinidade versus feminilidade: refere-se à distribuição do papel emocional entre os sexos. Os valores masculinos variam ao longo de uma dimensão muito assertiva e competitiva. Os valores femininos são mais modestos e atenciosos

Posteriormente, no ano de 1991, em novo trabalho, identificou na cultura asiática uma quinta dimensão, que definiu como sendo orientação no longo-prazo ou orientação no curto-prazo (SILVA, GOMES, CORREIA, 2009). As sociedades com orientação em longo prazo incentivam as pessoas a investirem e serem econômicos, persistentes e também cautelosos. Os membros da sociedade têm funções diferentes, os mais velhos devem ser respeitados e as relações são valorizadas.

Nos anos 2000, o estudo realizado por Michael Minkov usando dados do World Values Survey (MINKOV, 2007), adicionou a sexta dimensão: Indulgência versus Repressão (IVR). As sociedades com alto índice nesta dimensão tendem a satisfazer os seus desejos. Nas sociedades com baixo índice, as pessoas controlam seus impulsos pelas normas impostas pela

sociedade, que tem alta disciplina moral (HOFSTEDE, 2003).

Como citado anteriormente, para ingressar no mercado local é imprescindível obter conhecimento da cultura do país, dado que é a partir das variáveis culturais, econômicas e sociais que se consolida no mercado estrangeiro. Não há uma maneira correta para gestão, mas é possível identificar os aspectos locais com o auxílio do método de Hofstede para compreender a cultura e aspectos comportamentais de seus indivíduos, e assim adaptar a cultura organizacional da empresa de uma forma harmônica, que não agrida a cultura do país destino (SANTANA; MARIANO, 2014).

3.2 Adaptação cultural

A mobilidade acadêmica internacional é um processo que envolve ações relacionadas ao deslocamento físico do estudante para estudos no exterior e que envolve também aspectos emocionais relacionados à distância dos familiares, às condições de maturidade para resolver conflitos culturais, conhecimento prévio do modo de ser e agir do povo do país de destino e o idioma. Os aspectos relacionados ao dia a dia do estudante precisam ser levados em consideração, tais como: choque cultural, grau de maturidade para resolver problemas práticos do dia a dia, além do domínio de algum conhecimento lingüístico do idioma do país de destino (SANTOS, 2016).

Segundo a *StudentTravel Bureau* (STB), líder no segmento de educação internacional do Brasil, segundo pesquisa realizada, existem 6 desafios que todos alunos enfrentam ao estudar no exterior e maneiras de amenizá-los, observado abaixo no quadro 1:

Quadro 1 – Desafios enfrentados na mobilidade acadêmica

Desafios	Dicas
Adaptação	Costuma acontecer com o tempo. Em casos mais difíceis, sugere recorrer ao orientador acadêmico, secretaria de assuntos internacionais ou união estudantil
Saudades de Casa	Comunicação com família e amigos; Manter-se ocupado e ativo no novo ambiente
Idioma Estrangeiro	Perder o receio de errar e praticar o máximo possível diariamente
Fazer Amizades	Diversos Estudantes estão na mesma situação. Sugere-se interagir
Aprender o caminho pela cidade	Com o passar do tempo habitua-se a andar pela cidade e utilizar metrô/onibus. Inicialmente, é recomendado o uso de GPS

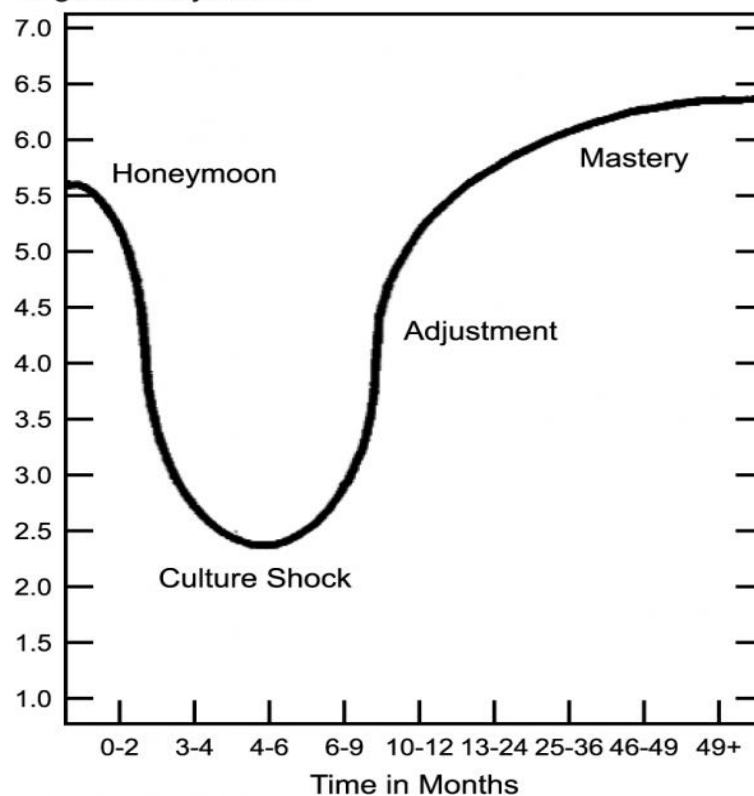
O retorno para casa- "síndrome do regresso"	manter-se ocupado e com a mente ativa
--	---------------------------------------

Fonte: Adaptado de STB, (2017).

Paralelamente a essa procura por variáveis externas e visando facilitar o ajuste social e cultural, foram propostos modelos lineares para a descrição cronológica das fases que integrariam um processo padrão de adaptação, permitindo que os participantes se preparem para tais desafios (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015).

Um modelo adotado foi a teoria da curva em U (*U-Curve Theory of Adjustment - UCT*), desenvolvida inicialmente baseando-se nos estudos de Lysgaard (1955) sobre 200 estudantes noruegueses nos Estados Unidos (GONZALEZ, 2011). O modelo da Curva U, desenvolvido por Kalvero Oberg em 1954, utiliza a forma da letra "U", conforme gráfico 3, para descrever variações de adaptação das emoções que ocorrem nesse período intercultural (BLACK; MENDENHALL, 1990)

Gráfico 3 – Adaptação Cultural: U-Curve
Degree of Adjustment



Fonte: BLACK; MENDENHALL (1990 p. 227).

Para Black e Mendenhall (1991) na fase inicial ("lua de mel"), os indivíduos são fascinados pela nova cultura e estão entusiasmados com todas as novas e interessantes "visões e sons". Esta paixão cultural inicial é seguida por um período de "desilusão" ou "fase de choque cultural" de adaptação ao dia a dia da nova cultura. A terceira etapa ("estágio de ajuste") é caracterizada pela adaptação gradual para a nova cultura e aprender a se comportar adequadamente de acordo com as normas culturais do país de acolhimento. O quarto estágio ("estágio de maestria") é caracterizada pela capacidade de adaptação adquirida na nova cultura.

Contrariando o proposto por Black e Mendenhall, Santos (2016) não estabelece um tempo para cada etapa da curva em U, pois acredita que os sujeitos vivem cada etapa de forma diferente em sua experiência pessoal. Para ele "alguns casos, o período de "lua de mel" é longo, o período do choque-cultural é curto e em pouco tempo já está adaptado na nova cultura". Os resultados dependem das diferenças culturais, da personalidade de cada um e de suas motivações, que irão refletir nos âmbitos social, cultural, linguístico e tecnológico (SANTOS, 2016).

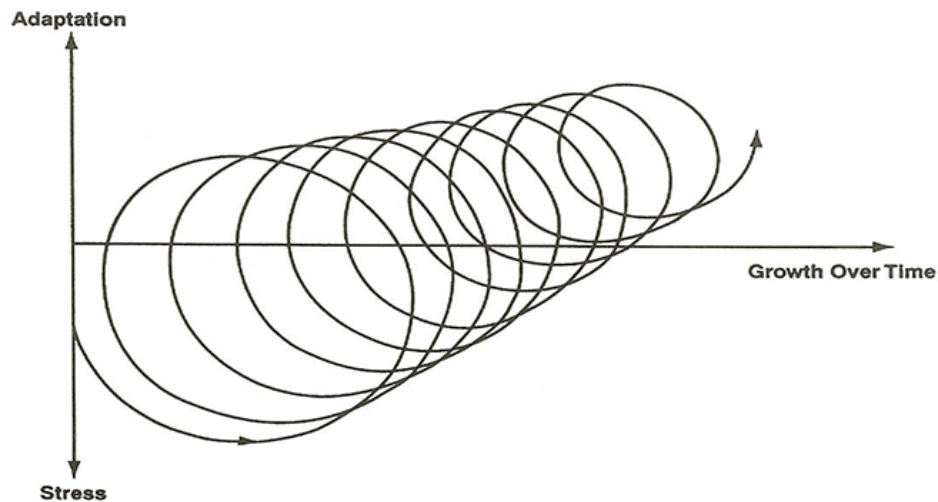
A Curva W, criada por Gullahorn & Gullahorn (1963) simplesmente adiciona outro "U" ao modelo da Curva U, que descreve as variações emocionais no retorno ao seu país de origem. Isso ocorre pois o intercambista não espera enfrentar dificuldades, já que está voltando para casa, e pensa que vai encontrar amigos, familiares e cultura inalterada em casa, o que não acontece. A readaptação ocorre com o passar do tempo (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015).

Outros autores questionam que a primeira etapa do processo de adaptação seja "lua de mel", propondo que o processo pode apresentar maiores dificuldades de adaptação no começo, sugerindo uma forma de curva em J, reforçada empiricamente por Ward, Okura, Kennedy et al. (1998), com 35 estudantes japoneses na Nova Zelândia, que apresentaram maiores dificuldades de adaptação na chegada ao país de destino, diminuindo com o decorrer do tempo (GONZALEZ, 2011).

Em 1995, Young Yun Kim, acompanhando essa vertente, elaborou o Modelo de Adaptação e Crescimento pelo Stress, ilustrado no gráfico 4, o qual sugere que a adaptação cultural e crescimento pessoal acontecem gradativamente, em um processo do tipo espiral, alternando entre experiências estressantes e eventual crescimento e adaptação como consequência.

O modelo também mostra que este processo é contínuo e não retorna ao ponto de origem. Ao passar do tempo, a adaptação torna-se mais fácil à medida que o estresse diminui. (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015).

Gráfico 4 – Modelo de adaptação e crescimento pelo estresse (Kim, 1985).



Fonte: AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015

As organizações modernas têm, nesse contexto, se especializado no desenvolvimento de estratégias psicossociais de gestão de pessoas para obter a maximizar o desempenho através do controle comportamental. (TUPINAMBÁ, 2012)

A universidade de destino pode atuar como facilitadora do processo de adaptação, desde que tenha uma equipe preparada, com competências interpessoais e interculturais para lidar com estudantes nessa situação de instabilidade, como contato direto com o aluno e oportunidade de integração com a sociedade local, seus habitantes, hábitos e costumes. Essa iniciativa já esta sendo utilizada por diversas universidades, utilizando programações de recepção oficial na universidade com orientação sobre aspectos legais e práticos e eventos que envolvem a apresentação de elementos culturais e indicação de um estudante da universidade de destino para apadrinhar cada estudante internacional. Essas ações podem ser decisivas para o sucesso dos programas de mobilidade acadêmica internacional(CESPEDE; LEAL; STALLIVIERI, 2016).

4 METODOLOGIA

A pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais (LAKATOS, 2010).

Para Gil (2008), a ciência tem como principal objetivo chegar à veracidade dos fatos, tendo como característica fundamental a sua verificabilidade. Torna-se necessário identificar os métodos que possibilitaram a chegada a esse conhecimento. A pesquisa é o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico.

Com base em Collis e Hussey (2005), a pesquisa possui caráter qualitativo porque não pretende focar na mensuração de fenômenos, mas sim analisar e refletir sobre as percepções proporcionadas pela pesquisa a fim de melhor compreender atividades sociais e humanas, investigando o tema com maior profundidade.

Segundo Vergara (1990), existem dois critérios básicos para classificação dos tipos de pesquisa: quanto aos meios e quanto aos fins.

Quanto aos meios, é pesquisa de campo porque consiste numa investigação empírica realizada com os participantes do programa de mobilidade acadêmica promovido por uma instituição bancária privada, realizado através de entrevistas semi-estruturadas, procurando relatar as especificidades e as características do objeto de estudo (VERGARA, 1990). Segundo Gil (2008), a entrevista é uma técnica de coleta de dado na qual o investigador formula perguntas ao investigado com o objetivo de obtenção de dados que lhe interessam à investigação.

É documental porque também considerou a análise de documentos internos da instituição financeira que promove o programa de mobilidade acadêmica, tais como regulamentos, registros e relatórios. A pesquisa caracteriza-se também como bibliográfica porque é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, sendo capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema, consulta de fontes diversas de informação escrita para coletar dados gerais ou específicos de um determinado tema. se baseia num estudo sistematizado que toma por base publicações de periódicos, livros e redes eletrônicas, servindo-lhe de instrumental analítico (LAKATOS, 2010).

Quanto aos fins, caracteriza-se como pesquisa exploratória por debruçar-se sobre uma investigação que conta com poucos estudos anteriores (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Segundo Gil (2008), também possui caráter descritivo, pois relata as características de seu objeto de estudo, que deve ser realizado através de dois aspectos: documentos e contatos

diretos. Os contatos diretos, neste caso pesquisa de campo, são realizados com pessoas que podem fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis e conhecimento acerca de um problema. De modo semelhante, Vergara (1990) aponta que este tipo pode ampliar-se para o estabelecimento de correlações entre fatores, variáveis ou para definição da natureza de tais correlações, não tendo o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora possa servir de base para tal explicação.

O universo desta pesquisa é composto por estudantes da Universidade Federal do Ceará que participaram de um programa de mobilidade acadêmica internacional promovido por uma instituição financeira privada. A parceria entre a Universidade Federal do Ceará e uma instituição financeira privada foi firmada em 2012, e até 2018 foram disponibilizadas 30 bolsas de estudo para o programa analisado. A amostra total desta pesquisa foi formada por sete (7) alunos selecionados por conveniência, de acordo com a indicação entre participantes do programa de internacionalização.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a do método de entrevista semiestruturada, sendo estas conduzidas individualmente pelo próprio pesquisador de acordo com roteiro previamente definido e alinhado com os objetivos e referencial teórico desta pesquisa. As entrevistas foram realizadas através do aplicativo de celular WhatsApp, por meio de mensagens de texto e de voz.

A tabulação dos dados foi feita por meio de análise de conteúdo, a qual abrange um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, marcado por grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto. A descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Trata-se de um tratamento da informação contida nas mensagens, dividido em 3 fases: análise pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados/interpretação (BARDIN, 2011).

A pré-análise é a fase de organização que tem por objetivo operacionalizar a Análise de Conteúdo, na qual é definido um esquema do trabalho. Nessa fase é realizada uma leitura inicial e a escolha dos documentos a serem analisados, no caso de entrevistas, é neste período que elas serão transcritas. A segunda fase consiste na exploração do material e adequação às categorias, como por exemplo, categorizar as informações em uma esquematização ou separar o material de acordo com tópicos específicos. A última fase acontece com a interpretação dos resultados e a realização das inferências sobre o material produzido (BARDIN, 2011).

Na próxima seção deste trabalho será apresentada a análise dos dados coletados por meio das entrevistas feitas junto aos participantes do programa.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com o propósito de compreender e atingir os objetivos anteriormente estabelecidos, embasando-se em informações de teor teórico, bibliográfico e de um estudo empírico, os dados coletados mediante entrevistas semi estruturadas feitas junto aos participantes serão analisados nesta seção.

5.1 Perfil dos Participantes, Critérios de Escolha do País Destino e Conhecimento do Programa

Os 7 entrevistados que compõem o presente estudo compartilham de características comuns como a participação em um programa de mobilidade acadêmica internacional de uma instituição financeira privada pelo período de 6 meses, cursavam Letras-Espanhol na Universidade Federal do Ceará durante o período de mobilidade acadêmica internacional, são brasileiros e nunca haviam feito viagem internacional. Dadas características estão de acordo com o processo de mobilidade acadêmica internacional por Cicchelli (2008), tendo em vista que o programa teve prazo inferior a 12 meses e os alunos tiveram que retornar ao Brasil depois da conclusão das atividades na Universidade Estrangeira. A predominância de participantes estudantes do curso de Letras-Espanhol se dá pelo fato da UFC selecioná-lo para participação em todos os editais lançados até 2018.

Vale salientar que a identidade dos indivíduos entrevistados foi preservada para respeitar a sua privacidade, e por ser esse um dado que não acrescenta informações relevantes para o estudo. As sete pessoas entrevistadas são identificadas apenas como participantes. O perfil dos entrevistados se encontra, a seguir, no quadro 2.

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

Nome	Sexo	Idade	Renda Média Familiar	País Destino
Participante 1	Feminino	28	R\$ 2.000,00	México
Participante 2	Feminino	23	R\$ 2.500,00	Espanha
Participante 3	Feminino	22	R\$ 2.500,00	Espanha
Participante 4	Feminino	22	R\$ 1.300,00	Espanha
Participante 5	Feminino	22	R\$ 6.600,00	Espanha
Participante 6	Feminino	25	R\$ 2.000,00	Espanha
Participante 7	Masculino	31	R\$ 1.500,00	Argentina

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A faixa etária no período de mobilidade acadêmica internacional varia entre 22 e 31 anos, sendo a faixa etária média 24 anos. Observou-se que os participantes, no que tange ao âmbito socioeconômico, possuem uma média de renda média familiar domiciliar de R\$ 2.600,00, se aproximando do Estrato Sócio Econômico C1, conforme tabela 2 abaixo da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa:

Tabela 2 – Renda Média Familiar para os Estratos Sócio Econômicos do Brasil

Estrato Sócio Econômico	Renda Média Domiciliar
A	R\$ 20.888
B1	R\$ 9.254
B2	R\$ 4.852
C1	R\$ 2.705
C2	R\$ 1.625
D-E	R\$ 768

Fonte: ABEP, 2016.

O programa de mobilidade acadêmica internacional em análise promove o intercâmbio, por até um semestre, de estudantes de graduação entre 09 países da região da Ibero-América: Argentina, Colômbia, Chile, Espanha, Peru, Porto Rico, Portugal, México e Uruguai a depender da existência de um acordo entre a universidade de origem e a de destino. No que diz respeito aos destinos mais procurados, 5 dos 7 participantes escolheram a Espanha, principal destino escolhido também pelos estudantes da UFC em mobilidade acadêmica no período de 2007 a 2016, totalizando 241 estudantes, conforme tabela 3, seguidos por Portugal, com 151 estudantes e França com 91, estes países são considerados como pólos atrativos, como abordado por Castro (2012), indicando o fluxo de estudantes em mobilidade vertical, e esse movimento conforme aponta Stallivieri (2017), dado que os participantes buscam troca de conhecimento com instituições conceituadas viajando do Brasil, país em desenvolvimento, para países considerados desenvolvidos.

Tabela 3 - Alunos da UFC no exterior por países (mobilidade acadêmica) - 2007 a 2016

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Espanha	32	52	31	32	29	22	7	11	10	15	241
Portugal	42	22	19	14	17	7	3	3	13	11	151

França	19	12	12	6	8	1	12	6	12	3	91
Alemanha	4	4	4	2	6	7	6	-	5	3	41
Argentina	2	2	8	2	13	-	3	3	-	3	36
EUA	-	15	-	1	-	1	-	-	-	-	17
China	-	-	-	-	4	-	3	-	3	2	12
México	-	-	1	-	-	5	4	-	1	1	12
Bélgica	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
Canadá	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Finlândia	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Itália	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Relações Internacionais - PROINTER, 2004 a 2016.

A seguir alguns relatos sobre os critérios de escolha do país destino dos participantes do programa de mobilidade acadêmica internacional, sendo listados o custo de vida e moeda mais favorável pelo câmbio, concordando com o levantamento exposto no referencial teórico por BELTA (2016), além da procura de um país mais desenvolvido e possibilidade de viajar pelas proximidades, no caso dos participantes que optaram pela Espanha:

Era meu sonho, eu sempre sonhei desde que eu entrei na UFC em viajar para um país que falasse espanhol e meu sonho era a Espanha, mas se fosse outro país também serviria [...] Há também o critério de país desenvolvido e pelo lugar ser mais seguro. (Participante 2- destino Espanha)

Tinha segurança quanto ao local visto que amigas já haviam feito intercambio para esta cidade e a ementa da Universidade de Granada tinha muitas disciplinas similares as da UFC, fora que após muitas pesquisas cheguei a conclusão de que financeiramente seria mais vantajoso está na Europa pelo custo de vida, além da possibilidade facilitada de conhecer outros países nas proximidades nos horários livres (Participante 5- destino Espanha).

Entre as opções de viagem eu tinha Espanha, México, Argentina e Uruguai. México eu escolhi por várias questões. Claro que Europa é Europa, quem não quer ir pra Europa, mas eu pensei em relação a minha profissão, por eu gostar mais da variação mexicana do que a variação espanhola, é a que eu pretendia usar e também por uma situação econômica, eu pensava que indo para o México eu não precisaria de tanto dinheiro como indo para a Espanha e também pela questão do tempo de ida para viagem, era no semestre seguinte, então eu não teria tempo de economizar muito dinheiro para viajar para a Espanha, minha situação financeira falou e pesou também e foi um grande critério para a escolha do México. (Participante 1- destino México)

Quando questionados sobre a escolha do destino, caso não tivesse a definição de país pelo programa, todos os participantes ainda assim escolheriam os mesmos destinos ou optariam por outro país que o programa já abrangia, apenas 2 participantes que tiveram como destino a Espanha, optariam também pelo México.

No tocante às motivações para a realização do intercâmbio, pode-se notar que todos os participantes citaram o aperfeiçoamento do idioma, como principal fator. Um número significativo de investigados também revelou que, ao mesmo tempo em que aprimorar um novo idioma é relevante, conhecer novas culturas é um motivo igualmente de suma importância quando se trata de intercâmbio no exterior, atingindo um índice de 5 participantes. Também foram citados os motivos profissionais, de conhecer novos lugares e experiência internacional por 2 participantes cada. Assim corrobora com a afirmativa de Justino (2009) que essa importância de dominar outros idiomas e ter experiências transculturais se dá pela realidade imposta pelo mundo globalizado.

Ter acesso a fazer parte de outra cultura é uma experiência que eu afirmo que sem sombra de dúvidas que é umas das coisas que todos deveriam fazer pelo menos uma vez a vida, pois sua visão de mundo se amplia, sua mente se expande e não volta ao tamanho original, como já dizia Albert Einstein. (Participante 5)

Ademais, buscou-se delinear qual o principal meio para a promoção do programa na percepção dos participantes. Apenas 1 participante relatou que ficou sabendo do programa através do site do Instituição financeira privada, 3 ficaram sabendo por meio de colegas da Universidade, 2 por meio de professores da Universidade e 1 através de colegas e professores da UFC.

5.2 Adaptação Cultural

No que tange a adaptação cultural, e em concordância com Santos (2016), todos os participantes relataram que a mobilidade acadêmica envolve aspectos emocionais, relacionados à saudade dos familiares e amigos, dificuldades no convívio com o outro e relacionado ao idioma. Os indivíduos apresentaram adaptação cultural diferente, dado que cada um tem uma percepção de diferenças culturais distintas, como foi apresentado na teoria por Stallivieri, Pilotto e Birch (2015).

Apenas um dos entrevistados reportou, quando solicitado para rememorar as fases do seu processo de adaptação, sensações ou experiências condizentes com a etapa inicial de lua de mel ou encantamento, seguido de choque cultural ao atingir o período de 4-6 meses, como curva em U analisada por Black e Mendenhall (1991). Conforme relato a seguir:

Eu estava com um frio na barriga de como seria lá, mas chegando eu me senti muito tranqüila, mas no final eu queria muito voltar, tiveram alguns problemas de

convivência, que sempre é difícil e também por estar completamente sem dinheiro. Eu adorei viajar, mas meu lar está aqui e eu não penso em sair daqui. (Participante 3)

Em 4 relatos identificaram-se processos de fácil adaptação cultural, sem oscilações durante o período de mobilidade acadêmica internacional e quando questionados sobre o processo de retorno ao país de origem, 3 deles não tiveram dificuldades no processo de retorno ao país de origem e 1 teve que se readaptar a sua cultura, como se depreende de alguns testemunhos:

Eu me senti em casa, não tive nenhum problema de adaptação em relação às pessoas, pelo contrario, fiz laços muito fortes até hoje e ainda tenho contato com eles (...) eu me adapto muito fácil. O único problema que tive foi o financeiro que eu fiquei sem dinheiro, porque meu cartão não funcionava. Meu intercambio não foi 100% devido à irresponsabilidade da Instituição Financeira. Tive que passar os primeiros 5 dias de favor. Adaptação não tive problemas, mas este com a instituição financeira foi o que mais pesou. Eu me adaptei muito rápido, achei. O que mais pesou foi a saudade e com o passar do tempo foi piorando. A volta foi estranho e a despedida foi cruel, mistura de matar a saudade com aquela incerteza de rever meus amigos que fiz durante o intercambio. Voltei com bastante medo em relação à violência. (Participante 1)

Achei muito difícil me adaptar aos horários, tanto que poucas vezes conseguia levantar antes do meio dia [na Espanha] se não fosse por motivo de viagem ou algo parecido. Passei todo o período do intercambio tentando me adaptar, mas acredito que não consegui, continuei aplicando meu horário brasileiro na Espanha, incluso no retorno ao Brasil, não senti nenhuma dificuldade quanto a rotina. Mas tudo isso só foi possível pelo fato de que minhas aulas começavam a partir das 14h na Espanha o que me dava o conforto de continuar no meu fuso horário nativo. No mais, creio que me adaptei rapidamente ao ritmo de aulas e estudos, que nitidamente eram mais puxados que no Brasil, e também consegui me entrosar com os nativos e demais estrangeiros aos quais tive contato ao longo do período do intercambio. Eu não tive dificuldades em me readaptar, mas o que consegui perceber é que depois que se tem uma experiência na Europa os comparativos com o Brasil e vice-versa são inevitáveis (Participante 5).

Nos 2 outros casos, percebeu-se através dos relatos, que houve uma adaptação gradativa nos quais se observa um crescimento causado pelo estresse, conforme proposto pela teoria de Young Yun Kim (1995):

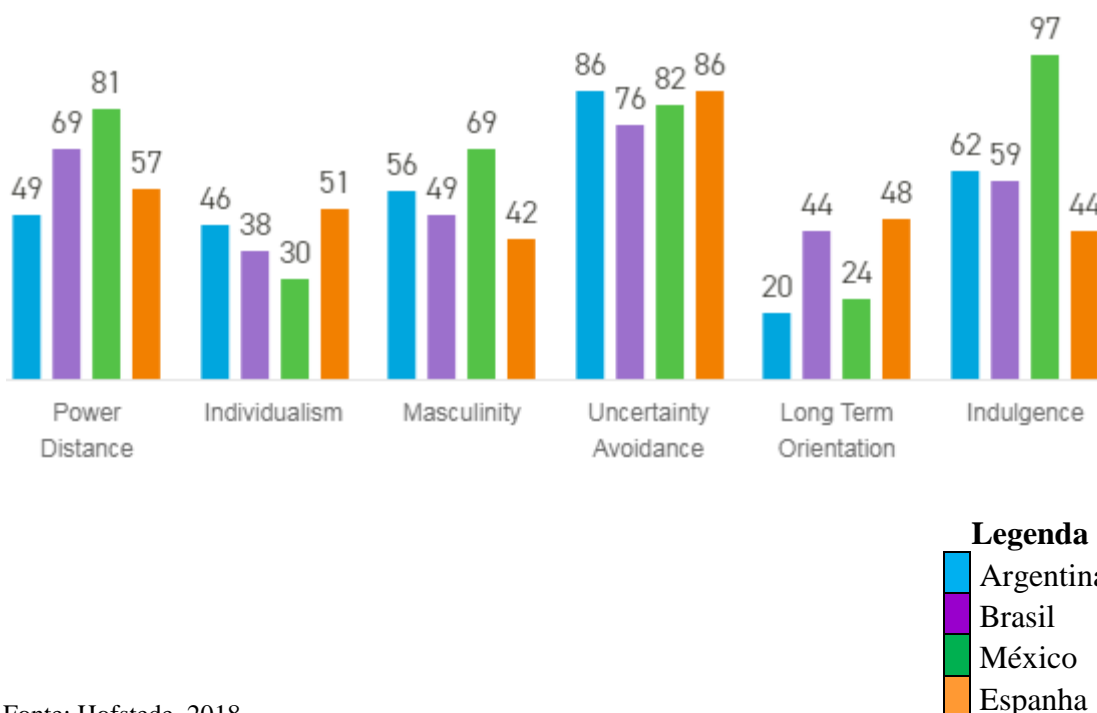
No começo eu tive bastante dificuldade em me adaptar, tanto em relação a compreensão do idioma e principalmente, a maneira que as pessoas tratam as outras, os espanhóis são bem frios e eles não costumam conversar com desconhecidos, nem dar informações. Eu sentia muita saudade das pessoas do Brasil, de como somos e de como tratamos os demais. Me deixou triste, mas fui me adaptando a tudo isso. No começo me sentia deslocada e depois fui me sentindo inserida de verdade. No final do intercâmbio eu já estava adaptada as pessoas, transportes, ao clima, a universidade (...) Quando voltei para o Brasil, já foi uma nova readaptação. (Participante 2)

A pessoa que realiza um intercâmbio tem que estar disposta a cada dia enfrentar desafios e superá-los. Não estamos na nossa casa e isso gera um desconforto. O

aprendizado cultural é muito válido, tanto se aprende quanto se expõe a própria cultura para o outro. (Participante 7)

Quase todos os entrevistados referiram-se, em algum momento dos seus depoimentos, com diferentes graus de intensidade, a sua adaptação cultural às dimensões culturais, sugeridas por Hofstede, que segundo Lacerda(2018), que quanto maior for a distância cultural, mais difícil tende a ser as relações, as dimensões abordada pelos participantes foram principalmente a Individualidade e Indulgencia. No gráfico 5 é apresentado um comparativo entre os países selecionados nas 6 dimensões culturais de acordo com este modelo.

Gráfico 5 – Análise dimensões Hofstede- comparativo entre os países destino dos participantes



Fonte: Hofstede, 2018

No que tange a dimensão Individualismo, os relatos sobre a sociedade do México e da Espanha estão de acordo com o gráfico. A pontuação 30 atingida pelo México é considerada uma sociedade que tende ao coletivismo, como o Brasil, “Os mexicanos são muito receptivos, acolhedores, atenciosos” (Participante 1). No caso da Espanha, com a pontuação 51, sugere que a sociedade tende ao individualismo “os espanhóis são bem frios e eles não costumam conversar com desconhecidos, nem dar informações” (Participante 2). Essa diferença foi notada também pela participante 5:

Creio que a educação das pessoas era a maior diferença entre os espanhóis é o trato interpessoal, que já era de se esperar era muito distante até que se formasse um laço mínimo de convivência, diferente da maioria dos brasileiros que fazem amizade fácil e que em poucos minutos são capazes de contar sua vida toda a um total estranho (Participante 5).

A dimensão Indulgência é definida como a medida que as pessoas tentam controlar seus desejos e impulsos, com base na maneira como foram criadas. O controle relativamente fraco é chamado de "Indulgência" e o controle relativamente forte é chamado de "Restrição". Apesar do gráfico analítico de Hofstede sugerir que a cultura da Espanha seja restrita, relato de 2 participantes sugerem que trata-se de uma sociedade mais aberta e com maior liberdade de expressão.

Os países analisados são similares na dimensão de Aversão à Incertezas por possuírem uma alta pontuação nesta dimensão, sendo a do Brasil a menor. Segundo Hofstede (2018), esses países mantêm códigos rígidos de crença e comportamento, há uma necessidade de regras e a segurança é um elemento importante na motivação individual. Neste ponto, todos os participantes se referiram a percepção de uma segurança pública maior e rotina de estudos mais intensa nos países de destino.

No que tange às maiores dificuldades enfrentadas pelos participantes além das anteriormente mencionadas, estão à questão de dificuldades de planejamento financeiro, comentada por 5 pessoas, da diferença cultural e convivência e também um elevado nível de aula, comentada por 3 participantes, adaptação ao idioma, horários diferentes, adaptação ao clima e saudades de casa, comentados por 2 vezes cada pelos participantes:

Controlar os gastos para que eu conseguisse me manter todo o período com a quantia estimada por mim previamente e não ter que solicitar mais dinheiro a minha família foi o maior desafio, seguido do impacto do nível das aulas que era bastante complexo, o frio também era um desafio pra mim, visto que vivo em região litorânea e nunca tinha tido experiência com as temperaturas baixas. (Participante 5)

Na maioria das universidades de destino dos participantes, foi relatado que elas promovem a recepção do estudante internacional e indicam algum aluno para apadrinhar o estudante internacional, conforme Cespede, Leal, Stallivieri (2016), para tornar-se facilitadora no processo de adaptação, porém essa prática não está sendo efetiva, dado que muitos participantes do programa de internacionalização não participaram da recepção e não foram apadrinhados. Nos depoimentos analisados, apenas o participante 1 foi recepcionado pela Universidade e apadrinhado por um estudante local: “recebi apadrinhamento nos primeiros dias e participei da recepção da Universidade, na recepção tem musica, mariachis e comidas típicas. Você se sente bem acolhido mesmo”. O participante 7 foi apadrinhado pelo mesmo

padrinho do seu amigo : “A universidade me apadrinhou com uma aluna, mas no final das contas meu padrinho foi o padrinho de uma amiga, ele me adotou também.”

Os demais participantes não foram apadrinhados, apesar da faculdade possuir este programa, e também não participaram da recepção pela Universidade, apesar de 3 participantes relatarem que esse evento era promovido por ela, observado no depoimento da participante 2: “recebi um e-mail, mas ela sumiu e não tentou entrar em contato comigo, e nem eu entrei em contato com ela (...) a Universidade promove a recepção, mas não participei”. Caso similar ocorreu com a participante 5, conforme observado no seu relato :

Na teoria eu tinha uma moça, também intercambista, que deveria fazer esse processo de boas vindas de maneira individual, porém não existiu apesar de eu ter entrado em contato. A própria UGR que “proporciona” essa recepção. Mas é importante ressaltar que a universidade faz um processo de recepção coletiva uma semana antes do começo das aulas ao qual eu não participei por que ainda não estava no país. (Participante 5)

5.3 Contribuições da mobilidade acadêmica internacional para a formação acadêmica e profissional

A participação em um programa desse porte gera expectativas para os participantes, e em todos os casos foi a primeira oportunidade experiência no exterior e em todos eles foi percebido uma contribuição tanto na formação acadêmica e profissional como no âmbito pessoal, amadurecimento e maior visão de mundo. Sob este aspecto ressalta-se:

Diferencial como pessoa e como profissional, você se desafiar é bom e eu saberia que iria ser bom, para o meu crescimento’. Eu sinto que depois do intercambio as portas se abriam de uma maneira muito mais rápida que eu imaginava que se abiriam. As escolas têm mais confiança no conhecimento. É o que me faz ter um pequeno diferencial (Participante 1).

Você volta com outra cabeça, com outra percepção de vida, eu aprendi muita coisa e sempre trago o que aprendi em sala de aula. O intercambio me trouxe mais segurança para exercer minha profissão, porque de fato eu posso comprovar que eu vivi, absorver costumes, mudou radicalmente em relação ao meu pessoal e eu voltei uma nova pessoa, acostumada e quando tive essa experiência comecei a viver por mim mesmo, sozinha, de enfrentar problemas.administrar dinheiro. Voltei uma pessoa mais amadurecida, com uma percepção de vida diferente.eu vi que isso foi bom pra mim (Participante 2).

Você poder ver outras culturas, maneiras de pensar diferente, maneira de agir, de resolver problemas, é único. É um Choque de realidade, mas muito importante, deveria ter um jeito que jovens conhecem lugares e países diferentes, formas de resolver problemas diferentes, pois assim temos um leque maior de resolver os nossos problemas. Deve ser por isso que temos tanto preconceito no Brasil, pois enxergamos de uma só maneira e quando você viaja que interage com outras pessoas,Você ganha novos olhares, e acho que isso pra mim é o principal. (Participante 3).

Quanto ao âmbito acadêmico e profissional, todos os participantes atuam na área acadêmica e enxergam a mobilidade acadêmica internacional como um diferencial e uma experiência muito importante, pois possibilita levar a vivência da cultura estrangeira para a sala de aula. No quadro 3, podemos observar as profissões dos participantes antes e após o programa de mobilidade acadêmica internacional: 4 participantes já atuavam como professores e atualmente também exercem essa profissão e os demais sofreram mudanças em suas profissões após o intercâmbio, como trecho da entrevista da Participante 2: “Depois do intercâmbio eu tive novas visões novos conhecimentos da língua espanhola, eu resolvi encarar a sala de aula.”

Quadro 3 – Profissões antes e após o programa de mobilidade acadêmica dos participantes

Nome	Profissão anterior a mobilidade acadêmica	Profissão Atual
Participante 1	Professora	Professora
Participante 2	Bolsista UFC	Professora
Participante 3	Estudante	Estágio em escola
Participante 4	Professora	Professora
Participante 5	Professora	Professora
Participante 6	Professora	Professora
Participante 7	Assistente de cobrança	Professor

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Quando a gente está na universidade, vemos um espanhol teórico, é diferente quando você vive a língua. Você vê coisas que o livro não te mostra e isso tanto é importante pra uma construção pessoal e da professora que eu quero ser, para mostrar além para os meus alunos, mostrar que eles também são capazes, porque vemos uma falta de esperança muito grande, principalmente nas escolas públicas (Participante 3).

Creio que este intercâmbio é um grande diferencial em meu currículo, por diversos momentos desde meu retorno este fato foi motivador de boas propostas de trabalho para mim. Como profissional, creio que me aproxima do que eu ensino, e me faz dar minhas aulas com mais propriedade do que falo, não somente nos aspectos gramaticais e linguísticos, mas principalmente nos culturais que a meu ver são tão relevantes e interessantes (Participante 5).

Para mim foi de grande importância, principalmente pelo fato de estar todo tempo tendo contato com a língua, com pessoas nativas. Estudar numa ótima universidade, com excelentes professores, outras metodologias e etc. O fato de poder compartilhar o vivido com meus alunos. Acredito que uma experiência como essa é essencial para mim como profissional (Participante 6).

5.4 O Papel da Universidade e Instituição financeira privada *no* programa de mobilidade acadêmica internacional

No documento intitulado “Princípios Gerais do Programa de Bolsas Ibero- Americanas para Estudantes de Graduação” elaborado pela Instituição Financeira Privada e disponibilizado pela Pro Reitoria de Relações Internacionais (Prointer- UFC) no edital de 2017, aborda que é de interesse da Instituição de Ensino Superior (IES) aprimorar o ensino, propiciando aos seus alunos de graduação a possibilidade de estabelecerem e desenvolverem relações com instituições de ensino superior, localizadas em países Ibero-Americanos, por intermédio do “Programa de Bolsas Ibero- Americanas para Estudantes de Graduação” e entende que o contato com culturas estrangeiras constitui-se em um importante instrumento de formação intelectual dos estudantes da IES participante do programa, indo de acordo com o que propõe a UNESCO (2009), que essa troca de conhecimento faz parte da responsabilidade das instituições de ensino superior.

Neste mesmo documento estão listadas as 8 etapas sucessivas do programa, apresentadas no quadro 4, quais sejam:

Quadro 4 – Etapas do Programa de Bolsas Ibero – Americanas para Estudantes de Graduação

Etapas do Programa	
1	Formalização do Convênio específico entre a IES e a Instituição Financeira Privada
2	Divulgação das Inscrições pela IES de forma ampla, igualitária e irrestrita
3	Os estudantes que tem interesse em participar dever preencher um formulário disponibilizado pela Instituição Financeira Privada
4	A IES realizará o processo de seleção dos alunos de acordo com os critérios estabelecidos
5	A IES indica os alunos selecionados para a Instituição Financeira Privada
6	A IES envia o termo de adesão do estudante selecionado
7	A IES divulga os resultados do programa
8	Realização do pagamento, diretamente aos participantes, em conta corrente mantida na Instituição Financeira Privada

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Relações Internacionais - PROINTER, 2016.

Dentre as responsabilidades da IES conveniada estão: visar conceder iguais oportunidades a todos os interessados, divulgar o programa em local de destaque, celebrar acordo bilateral com a universidade de destino, igualmente conveniada da Instituição Financeira Privada, e auxiliar os participantes nos tramites legais e administrativos

necessários para usufruir a bolsa concedida, como retirada de visto, carta de aceite da universidade hospedeira e reconhecer os estudos seguidos nas universidades de destino, sempre que os tenham superado de maneira satisfatória. As universidades participantes também devem adotar medidas necessárias para facilitar a incorporação e estadia. Na tabela 4, pode-se observar os países com os quais a Universidade Federal do Ceará possui convênios, totalizando 116. Esses convênios firmados são ações de cooperação internacional, que são exigidos para internacionalização da IES, conforme Vilalta (2012) e por serem requisitos para participação, esse programa de intercâmbio incentiva o crescimento de acordos internacionais, como indica Dias (2017).

Tabela 4 – Convênios da UFC com universidades estrangeiras – 2016

País	nº de convênios
França	18
Portugal	18
Alemanha	16
Espanha	14
Argentina	7
Estados Unidos	6
Itália	6
Canadá	5
Colômbia	5
Austrália	4
Outros Convênios	3
China	2
Holanda	2
México	2
Suécia	2
Cabo Verde	1
Bélgica	1
Chile	1
Eslováquia	1
Peru	1
Suíça	1
Total	116

Fonte: Pró-Reitoria de Relações Internacionais - PROINTER, 2016.

Os participantes do programa são selecionados conforme os editais divulgados pelas IES conveniadas e a quantidade de participantes no programa por IES é definido pela Instituição Financeira Privada. Cada edital possui suas próprias regras, estipulando quais cursos serão contemplados, quais serão as etapas classificatórias e eliminatórias, a Instituição

Financeira Privada não interfere neste processo. No caso do edital divulgado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2017, o programa estava disponível para os alunos dos cursos de: Arquitetura e Urbanismo, Ciências Atuariais, Design-Moda, Finanças, Gastronomia, Gestão de Políticas Públicas, Letras-Espanhol, Psicologia e Publicidade e Propaganda. Foram concedidas 4 bolsas no valor de € 3.000,00. Conforme exposto por Justino (2009), esse incentivo concedido pela Instituição Financeira Privada, deriva do fato de não existir para a graduação uma política de incentivos claramente definidos. Para a inscrição no programa, os candidatos precisaram realizar a inscrição no portal da Instituição Financeira Privada e entregar a documentação de acordo com os critérios classificadores e classificatórios de acordo como previsto no edital (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2017).

Para alunos, esses critérios foram:

Ser aluno de graduação de um dos cursos elencados; O candidato deve ser brasileiro, nato ou naturalizado, maior de 18 anos; estar efetivamente matriculado em , pelo menos, 16 créditos obrigatórios, em cursos equivalente àqueles existentes nas universidades indicadas neste edital; Não ter participado de nenhuma edição anterior do programa; O participante deverá estar regularmente matriculado durante todo o processo de seleção e obrigatoriamente também durante todo o período de realização do programa; Ter integralizado, no mínimo, 40% dos créditos obrigatórios previstos no currículo do seu curso; Estar cursando, no máximo, o penúltimo semestre do seu curso, na data de implementação da bolsa; Ter, no mínimo, 20 créditos obrigatórios pendentes (diferença entre créditos exigidos e acumulados), descontados aqueles referentes a disciplinas em que o aluno esteja matriculado no presente semestre, e também descontadas as pendências referentes a estágios supervisionado, monografia, atividades complementares ou trabalho de conclusão de curso; Comprovar, com apresentação de seu histórico escolar destacado desempenho acadêmico, com IRA individual de, no mínimo, 7500; Comprovar fluência na língua espanhola por meio de Certificado de Proficiência em nível intermediário ou no nível B2 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (MECER); ou Certificado de Conclusão do Curso de Língua Espanhola com no mínimo 360 horas, uma vez que os cursos serão ministrados nesse idioma; Ter passaporte com validade até 30 de junho de 2019 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2017, p. 37).

A Instituição Financeira Privada se responsabiliza exclusivamente pelo pagamento da bolsa concedida convertida em reais com base na cotação do valor do Euro publicado pelo Banco Central do Brasil (Bacen), ficando isento de qualquer outra responsabilidade da realização do programa. Esta percepção está bem claro na fala dos estudantes como a participante 3: “A Instituição Financeira Privada só participa dando dinheiro e acabou aí e perdemos totalmente o contato, mas é um grande incentivo”.

Quando questionado sobre a contribuição da UFC e da Instituição Financeira Privada, na visão dos participantes “A universidade ajudou no contato com a instituição estrangeira e o

banco com a ajuda de custo” (Participante 4). Diversos participantes relataram que a participação das instituições foi de extrema importância para realização da mobilidade acadêmica, conforme depoimento a seguir:

Creio que sem elas eu não teria tido essa experiência tão enriquecedora profissionalmente e também como ser humano, agradeço a Instituição Financeira Privada pelo programa de incentivo que me beneficiou e também a tantos outros colegas bem como a Universidade que na medida do possível fez de tudo que estava ao alcance para que este meu sonho se tornasse realidade (Participante 5).

Quando questionados sobre a importância da bolsa para realização do intercâmbio, todos acharam que foi essencial e apesar de não ter coberto o valor total, exceto no caso do participante 7, todos relataram que não seria possível a realização sem ela, que pode se observar nas entrelinhas dos depoimentos a seguir:

Eu estava interessada em bolsa, nem viria na minha cabeça que seria bolsa para o exterior, mas eu sempre quis viajar. Nunca tinha parado para pensar em intercâmbio, para mim era uma realidade bem distante, e só se concretizou devido a essa oportunidade. A bolsa foi essencial para o intercâmbio. Totalmente, se não tivesse essa oportunidade, não sei se haveria feito o intercâmbio(...) O valor não foi suficiente (Participante 1).

A bolsa foi muito essencial, pois eu não tinha e não tenho condições de viajar e passar meses fora de casa, o que a instituição financeira propiciou, a partir dele eu pude viajar. Apesar de que eu optei por postergar a realização do intercâmbio pelo fato de precisar juntar mais dinheiro para conseguir arcar com a passagem de avião, seguro de vida, roupas e também ter um dinheirinho a mais (...)O valor não foi suficiente, a bolsa concedida garantiu as coisas básicas na Espanha. Sofri bastante pela variação cambial(Participante 2).

Sem a ajuda de custo seria impossível, inviável conseguir fazer o intercâmbio, não só com a situação financeira e olha que eu ainda tive que juntar dinheiro. É muito difícil um estudante ir para fora sem ter uma bolsa, é inviável (Participante 3).

Em todos os casos os participantes mencionaram as dificuldades que antecederam o período de mobilidade acadêmica internacional, principalmente a parte burocrática, a qual deveria, segundo os princípios gerais do programa, ser auxiliado pela Universidade que o participante pertence. O participante 2 relata que “teve um dia que eu chorei de stress, de raiva mesmo, porque eu não estava conseguindo realizar alguns processos”, a seguir mais depoimentos sobre o período que antecedeu o intercâmbio:

A parte burocrática foi cruel, péssima. Durante a graduação a gente não tem nenhum subsídio para preencher os documentos é tudo muito novo, tendo que conciliar com o cotidiano, ir atrás de documento em relação ao visto, desencontro de informações. Eu acho que se tornou muito mais difícil pela falta de orientação da Instituição, eu não senti apoio nenhum. Eu me senti muito mais orientada pela Universidade de fora do que a minha própria. A parte burocrática eu fiz tudo sozinha. Eu não senti apoio

nem antes, nem durante, depois não foi preciso, no retorno a universidade sempre tive dificuldade em obter respostas. (Participante 1)

Senti dificuldades sim na papelada, sempre achava que estava fazendo errado. Acredito que o departamento de Relações internacionais da UFC poderiam ter dado uma mãozinha a mais, a pesar deles terem indicado os locais e terem dado aquela ajuda na hora do perrengue referente a emissão com urgência do visto. (Participante 5)

Foi tenso, pois tive que correr para conseguir passaporte e visto, comprar passagens e conseguir apartamento. Meu visto deu problema, e eu só o recebi no dia em que viajei. (Participante 6)

Quando questionados sobre se ainda possuíam vínculo tanto com a Instituição Financeira quanto com a Universidade Federal do Ceará, como podemos observar no quadro 5, apenas o participante 4 não possui vínculo nem com a Instituição Financeira Privada, nem com a UFC. O participante 5, possui vínculo com a Instituição financeira privada, mas não possui mais vínculo com a UFC, mas pretende retomá-lo:

Ainda possuo vínculo com a Instituição Financeira Privada, ainda possuo e utilizo a conta aberta para o recebimento da bolsa, quanto a Universidade não possuo mais vínculo formal, visto que já concluí o curso, mas pretendo brevemente estar de volta na pós-graduação (Participante 5).

Os demais participantes ainda permanecem como clientes da Instituição Financeira e com a UFC.

Quadro 5 – Relação Participante X Vínculos em Intituição Financeira Privada e com a UFC

Nome	Possui vínculo com a Instituição Financeira Privada	Possui vínculo com UFC
Participante 1	Sim	Sim
Participante 2	Sim	Sim
Participante 3	Sim	Sim
Participante 4	Não	Não
Participante 5	Sim	Não
Participante 6	Sim	Sim
Participante 7	Sim	Sim

Fonte: Dados de pesquisa, 2018.

No que se diz respeito ao programa, ele foi bastante elogiado pelos participantes, porém os participantes no retorno não passaram por um processo avaliativo ou de sugestões para melhora no programa. A participante 5 frisa que :”è importante ressaltar que não foram

aproveitadas todas as disciplinas cursadas no exterior, me obrigando assim a atrasar mais do que o esperado a conclusão do meu curso”, sendo contrária a teoria de Cenerino e Silva (2008), a qual atribui ao processo de mobilidade acadêmica internacional, a característica de que os estudos realizados na instituição estrangeira devem ser reconhecidos pela instituição de origem.

A experiência da mobilidade acadêmica internacional, segundo todos os participantes, supera todos os problemas enfrentados pelos estudantes neste processo de mobilidade acadêmica e todos recomendariam o programa, conforme relatos abaixo:

Tiveram alguns probleminhas, mas não tira a experiência incrível que foi viajar para outro país, conhecer pessoas diferentes, ver coisas que eu antigamente só via na TV. Essa viagem também me abriu um leque de formas de pensar, de oportunidades que eu não tinha (Participante 3).

Melhorar comunicação e comprometimento das duas partes. O aluno não pode se sentir não pertencente a UFC quando esta fora, você não se sente acompanhada por ninguém durante o período de intercâmbio e a Instituição Financeira Privada deve ter cuidado com as informações que passa (Participante 1).

Portanto, pôde-se inferir, através do confronto entre teoria e prática que o programa de mobilidade acadêmica promovido por uma instituição financeira privada proporciona diversos benefícios para os participantes e agrega valor à formação acadêmica e profissional. Dos resultados discutidos neste capítulo, pôde-se obter algumas conclusões, as quais serão apresentadas na seção 6.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta investigação possibilitou o delineamento de algumas considerações conclusivas, alcançando os resultados propostos quanto a responder o problema de pesquisa, o objetivo geral e seus objetivos específicos. O programa de mobilidade acadêmica internacional promovido por uma instituição financeira privada é visto por todos os participantes como uma experiência única que só foi possível ser concretizada pela participação da Universidade e pelo incentivo financeiro concedido pela Instituição Financeira Privada.

Quanto ao objetivo geral de analisar como se dá o processo de mobilidade acadêmica internacional promovido por um programa de internacionalização de uma instituição financeira privada, constatou-se que ele se inicia com a preocupação da Universidade em aprimorar o ensino e propiciar aos seus alunos de graduação a possibilidade de estabelecerem e desenvolverem relações com outras instituições de ensino superior. Para que ocorra esse tipo de internacionalização, se faz necessária ações de cooperação acadêmica internacional através de convênios firmados entre as Instituições Acadêmicas, facilitando o envio e recebimento não somente de alunos, como também de professores e pesquisadores. Para possibilitar a participação de seus alunos neste programa, a IES precisa firmar outro convênio, agora com a instituição financeira privada que o promove. A partir de então começam os trâmites de divulgação e seleção dos participantes de responsabilidade da IES, e após selecionados e validados pela instituição financeira privada, é realizado o pagamento da bolsa.

Quanto aos objetivos específicos: a) analisar o processo de adaptação cultural no país destino dos participantes do programa de mobilidade acadêmica internacional promovido por uma instituição financeira privada foi alcançado, sendo listado como o principal desafio enfrentado o planejamento financeiro e também a convivência com o outro. As principais diferenças e semelhanças citadas nas entrevistas referem-se as dimensões culturais de Hofstede do individualismo, no caso da Espanha e ao coletivismo, no caso do México. A adaptação cultural dos participantes varia de acordo com a experiência vivenciada por cada um, em geral, os participantes tiveram uma fácil adaptação.

O objetivo b) analisar a contribuição do programa de mobilidade acadêmica internacional, promovido por uma instituição financeira privada, para a formação acadêmico profissional dos participantes também foi alcançado, observou-se que todos os participantes atuam na área acadêmica e essa experiência é vista como um diferencial por dar mais conforto e segurança para o ensino da língua espanhola e também para o compartilhamento da vivência

em sala de aula com seus alunos. Além do desenvolvimento das esferas acadêmico e profissional, nota-se crescimento na vida pessoal, pois permite que os participantes aprimorem seu pensamento crítico, amadurecimento e permite uma visão global.

E por fim, o objetivo c) Identificar o papel da Universidade e Instituição financeira privada no programa de mobilidade acadêmica internacional. As partes participantes deste processo tiveram papéis essenciais, a Universidade como responsável pela internacionalização, através de convênios internacionais e a instituição financeira vista como financiadora dos participantes, vista como essencial dado perfil econômico dos participantes, os quais não teriam condições de realizar a mobilidade acadêmica internacional financiado por recursos próprios ou com auxílio de sua família.

. A maioria dos participantes ainda mantém vínculo tanto com a Universidade como com a instituição financeira privada. O programa e a experiência proporcionada foram bastante elogiados, porém segundo os participantes, alguns pontos precisam ser melhorados como a comunicação e o auxílio das partes, principalmente no período que antecede a mobilidade acadêmica, dado os estudantes não terem familiaridade com os documentos solicitados, trâmites obrigatórios e legais, auxílio na busca de moradia, e também durante o período de estadia no país destino.

Entre as limitações enfrentadas na aplicação desta pesquisa, está principalmente, a falta de retorno da instituição financeira para realização de entrevista e também ao baixo nível de detalhamento em algumas entrevistas, o que compromete a profundidade da pesquisa.

Como sugestão da avaliação dessas contribuições, sugere-se o aprofundamento e o desenvolvimento de outras pesquisas acerca do tema focalizando aspectos como: analisar participantes de outros programas de maior duração e realizar um comparativo quanto ao processo de adaptação cultural ou também um estudo qualitativo com foco na Instituição Financeira Privada que promove o programa de internacionalização.

REFERÊNCIAS

- AFS INTERCULTURAL PROGRAMS. Modelos de Adaptação Cultural*, 2015. Disponível em: <<https://woca.afs.org/education/m/icl-for-afs--friends/9385/download>>. Acesso em: 03 de Março de 2018
- ALTBACH, P. G.; REISBERG, L; RUMBLEY, L. **Trends in global higher education: Tracking an academic revolution: A report prepared for the UNESCO 2009 world conference on higher education**. UNESCO, 2009.
- ANDIFES. **Relatório de Acompanhamento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**, 2012.
- ARAÚJO, D. M. M. Internacionalização e integração: interfaces, possibilidades e os desafios do Ensino Superior na Unila e Unilab. **O público e o privado**, v. 1, n. 23, 2014.
- BARATA, M. A. (2011). **El liderazgo en una perspectiva internacional: Un estudio comparativo entre líderes brasileños y españoles de acuerdo con el proyecto Globe**. *Revista de Psicología - UFC*, 2(1),35-48.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELTA. Pesquisa de Mercado Selo Belta, 2016. Disponível em:<<http://www.belta.org.br/australia-e-o-3o-pais-mais-procurado-para-intercambio-por-brasileiros>> Acesso em: 02 abr. 2018.
- BIANCHETTI, L; MAGALHÃES, A. M. Declaração de Bolonha e internacionalização da educação superior: protagonismo dos reitores e autonomia universitária em questão. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 20, n. 1, 2015.
- BLACK, J; MENDENHALL, M. **The U-CURVE adjustment hypothesis revisited: a review and theoretical framework**, 1990. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.844.2515&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 02 de Abril de 2018.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Marcos Conceituais - Ministério do Turismo**, 2011. Disponível em:<http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/.../Marcos_Conceituais.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.
- Capes, **Programa Ciência sem Fronteiras terá novo foco, 2011**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/component/content/article/36-salainpress/36-salainpress/noticias/8052-programa-ciencia-sem-fronteiras-tera-novo-foco-com-objetivo-de-beneficiar-alunos-mais-pobres>. Acesso em: 17 mar. 2018
- CASTRO, A. A.; CABRAL NETO, A. **O ensino superior: a mobilidade estudantil como**

estratégia de internacionalização na América Latina. Rev. Lusófona de Educação, Lisboa, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 maio 2018.

CENERINO, A.; SILVA, OH da. A cooperação internacional e o processo de internacionalização das universidades estaduais do Paraná. **XXXII Encontro da Anpad. Rio de Janeiro**, 2008.

CÉSPEDES, R. R.; LEAL, F. G.; STALLIVIERI, L. Percepção dos estudantes internacionais de graduação do programa incoming da UFSC sobre o processo de acolhimento da instituição. 2016.

CICHELLI, V. Connaître les autres pour mieux se connaître: lesséjours Erasmus, une Bildung contemporaine. **Échanges et mobilités académiques. Quel bilan**, p. 139-162, 2008.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005

DE ASSIS SILVA, W.; DE MARI, C. L. Internacionalização e ensino superior: história e tendências atuais. **Revista de Políticas Públicas e Segurança Social**, v. 1, n. 1, p. 36-53, 2017.

DE CARVALHO, M. C. M. **Construindo o saber: técnicas de metodologia científica**. Papyrus Editora, 1989.

DIAS, F. J.; NUNES, R. da SILVA. **A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO SUL DO BRASIL**. 2017.

DUARTE, R.G.; BATISTA, R.V.L.; JUNIOR, A.F.L. **O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: o caso das Pontifícias Universidades Católicas de Minas Gerais e do Paraná**. E&G Economia e Gestão, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 1-178, 1. sem. 2007

FELDMANN, P. R. A influência da cultura na gestão das empresas latino-americanas. **Estudos avançados**, v. 24, n. 68, p. 321-334, 2010.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, J. M. R.; OLIVEIRA, J. A. **The effect of expatriation on identity: case study**. Cadernos EBAPE. BR, v. 9, n. 4, p. 1122-1135, 2011.

GULLAHORN, J.; GULLAHORN, J. E. An extension of the U-curve hypothesis. **Journal of Social Issues**, 3, 33-47, 1962

HOFSTEDE, G. **Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations**. Sage publications, 2003.

HOFSTEDE, G. Geert Hofstede: Dimensiona of national Cultures, Online. Disponível em :<<http://geerthofstede.nl/dimensions-of-national-cultures>> Acesso em: 03 mar. 2018.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior 2016**: Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf> . Acesso em: 17 mar. 2018.

JUSTINO, E. K.. **Internacionalização das instituições de ensino superior: estratégia ou modismo**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO NIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 9, 2009, Florianópolis/SC. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/36933>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

KIM, Y. Y. **Cross-cultural adaptation: An integrative theory**. In: R. L. Wiseman (Ed.), *Intercultural communication theory*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

LACERDA, D. P. Cultura organizacional: sinergias e alergias entre Hofstede e Trompenaars. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 5, p. 1285-1301, 2011.

LAKATOS, E; MARCONI, M. Metodologia científica. 6.ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

LAUS, S. P. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**, 2015.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. **Períodos e motivações da internacionalização da Educação Superior**. In: COLLOQUE DE Í IFBAE, 5., 2009, Grenoble. Anais... Grenoble, 2009.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. de A. The worldwide higher education system: between active and passive internationalization. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 14, n. 3, p. 583-610, 2009.

LUCE, M. B.; FAGUNDES, C. V.; MEDIEL, O. G. **Internationalisation of High Education: the intercultural dimension and the institutional support in the academic mobility evaluation**. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, v. 21, n. 2, p. 317-340, 2016.

LYSGAARD, S. Adjustment in a foreign society: Norwegian Fulbright grantees visiting the United States. **International Social Science Bulletin**, v. 7, p. 45-51, 1995

MATOS MACEDO, M. **Condições sociais e competitividade**. *Revista de Economia*, v. 24, 2000.

MINKOV, M. **What makes us different and similar: a new interpretation of the world values and other cross-cultural data**. na, 2007.

MORETTI, S. L. do A. **O marketing e o social nos bancos brasileiros: evidências de relações assimétricas**. *Revista Brasileira de Marketing e-ISSN: 2177-5184*, v. 9, n. 1, p. 124-150, 2010 BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. *Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

MEC- Ministério da Educação. **Análise sobre a Expansão das Universidades Federais**

2003 a 2012, 2012. Disponível em :< portal.mec.gov.br/.../12386-analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf> Acesso em: 02 de Março de 2018

MEC- Ministério da Educação. **Análise sobre a Expansão das Universidades Federais 2003 a 2012**, 2012. Disponível em :< portal.mec.gov.br/.../12386-analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf> Acesso em: 02 de Março de 2018

MEC- Ministério da Educação. **Diretrizes Gerais Reuni** ,2007. Disponível em :< http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf> Acesso em: 02 de Março de 2018

MILANI, C. R.S.; TUDE, J. M. **Globalização e relações internacionais: casos de ensino**. Editora FGV, 2015.

OBERG, Kalervo. **Cultureshock**: Adjustment to new cultural environment. Practical Anthropologist, 7, 177-182, 1960.

OECD. **Education at a Glance 2015: OCDE indicators**, 2015. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2015/long-term-growth-in-the-number-of-students-enrolled-outside-their-country-of-citizenship-1975-2012_eag-2015-graph210-en > Acesso em: 19 de Março de 2018.

OLIVEIRA, Leandro Cheloni; LEÃO, Marcos Eugênio Vale. **NEGOCIAÇÃO TRANSCULTURAL: conduzindo negociações em mercados globais**. Pós em revista do centro universitário de Newton. ISSN 2176 7785, n.7, 2013.

OLIVEIRA, J. S. A Internacionalização da Educação Superior nas Relações Internacionais do Brasil: o caso do programa ciência sem fronteiras. Brasília, 2015. 32 f. Artigo (Especialização) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília.

REPPOLD, A. R. F.; TORRES E CARDOSO, L.; VAZ, M. A. **A Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a internacionalização da educação superior**. Movimento, 2010, v. 16, pp. 217-238.

Reestruturação e Expansão das Universidades Federais -**Reuni – Expansão**. Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni> . Acesso em: 24 mar. 2018.

SANTANA, D. L. de; MENDES, G. A.; MARIANO, A. M 2014. Estudo das dimensões culturais de Hofstede: análise comparativa entre Brasil, Estados Unidos e México. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, Ilhéus,

SANTOS, P. C. M. de A. **Políticas públicas de mobilidade acadêmica internacional: Um estudo exploratório do dia a dia do aluno brasileiro na cidade de Lyon-França**. Tese (Doutorado)- Programa de pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil, 2016.

SAUVÉ, P. **Trade, education and the GATS: what's in, what's out, what's all the fuss about?**. Paper Prepared for the OECD/US Forum on Trade in Educational Services. Washington. 23/24 May 2002.

SCHOMMER, P. C. **Investimento social das empresas: cooperação organizacional num espaço compartilhado**. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24., 2000, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ENANPAD, 2000.

SILVA, M. A.; GOMES, L. F.; CORREIA, M. Cultura e orientação empreendedora: uma pesquisa comparativa entre empreendedores em incubadoras no Brasil e em Portugal. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 13, n. 1, 2009.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Brasília**, v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002

STALLIVIERI, L. **Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras**. Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 2004.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 2009. Tese de Doutorado. USAL.

STALLIVIERI, L. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de EDUCAÇÃO do Cogeime**, v. 26, n. 50, p. 15-36, 2017.

STALLIVIERI, L.; PILOTTO, D; GONÇALVES; R. **Análise da adaptação cultural de estudantes internacionais sob o ponto de vista das teorias da curva “u” e da curva “w”**. Revista GUAL, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 26-47, set. 2015.

STB- STUDENT TRAVEL BUREAU, OS DESAFIOS QUE TODO ALUNO ENFRENTA AO ESTUDAR NO EXTERIOR, 2017. Disponível em: <<https://blogdointercambio.stb.com.br/os-desafios-que-todo-aluno-enfrenta-ao-estudar-no-externo>> . Acesso em: 30 mar. 2018

SLEUTJES, M. H. S. C. **Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão**. In: Revista de Administração Pública — RAP, Rio de Janeiro, v. 33 (3), maio/jun. 1999.

TELES, A. C. T. O. (2005, dezembro). Internacionalização acadêmica: um percurso de desafios. Revista da UFG, Vol. 7, n. 2, dez 2005 versão eletrônica.

TUPINAMBA, A. C. R. **Empreendedorismo e liderança: perspectivas e desafios atuais**. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 73-83, abr. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 maio 2018.

TRUJILLO, A. M. **Estudo analítico da legislação vigente sobre os acordos de cooperação internacional, assinados pelo Brasil; bem como suas implicações no atual cenário da mobilidade acadêmica com outros países (Produto 1)**. Projeto «Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade». 2013.

UNESCO, ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E CULTURA; **Conferência Mundial sobre Ensino Superior 2009: As Novas Dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança eo Desenvolvimento Social**, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA- UFSC. **Programa que substitui Ciência sem Fronteiras deve promover internacionalização das universidades** 2017. Disponível em: < [https:// http://noticias.ufsc.br/2017/04/programa-que-substitui-ciencia-sem-fronteiras-devera-promover-internacionalizacao-das-universidades/](https://http://noticias.ufsc.br/2017/04/programa-que-substitui-ciencia-sem-fronteiras-devera-promover-internacionalizacao-das-universidades/)>. Acesso em: 12 abr. 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Prointer. **Mobilidade Acadêmica**. Fortaleza, 2018.

UNESCO UIS (2014). **Global FlowofTertiaryLevelStudents**, 2013. Disponível em: <http://www.uis.unesco.org/Education/Pages/international-student-flowviz.aspx> acesso em: 19 de Março de 2018.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 2^a ed. Sao Paulo: Atlas, 1998. ISBN 852241985X

VILALTA, L. A. **A internacionalização do ensino superior brasileiro: conceito e características do processo em instituições privadas de ensino superior**. 2012. (Tese Doutorado). PUC-SP, 2012.

WARD, Colleen; OKURA, Yutaka; KENNEDY, Anthony; KOJIMA, Takahiro. The U-curve ontrial: a longitudinal studyofpsychologicaland sociocultural adjustmentduringcrossculturaltransition. **International.Journalof Intercultural Relations**, 22(3), 277-291, 1998.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**QUESTIONÁRIO****A - PERFIL DO ENTREVISTADO****1 Ocupação:****2 Ocupação anterior ao intercâmbio:****3 Idade:****4 Idade na realização do intercâmbio:****5 Sexo:** Feminino Masculino**6 Renda Média Familiar:****B - PROCESSO DE INTERCÂMBIO****1 Qual curso de graduação que realizava no período do intercâmbio no Brasil e no país destino?****2 Como soube do programa de intercâmbio promovido pela Instituição Financeira Privada?****3 Qual destino e Universidades escolhidos?****4 Quais os critérios utilizados para escolha do destino e da universidade?****5 Caso não tivesse a definição de pais, qual escolheria?**

6 Tempo de duração do intercâmbio

7 Antes da experiência do intercâmbio, já havia realizado alguma viagem internacional?

8 Como foi o processo preparatório para realização do intercâmbio?

9 Quais foram as principais diferenças percebidas entre a cultura do país destino e a do seu país origem?

10 Como foi o processo de adaptação no país destino: início, meio e fim.

11 Participou de algum programa de recepção/ apadrinhamento? Em caso afirmativo, quem o promoveu?

12 O fator incentivo financeiro recebido pelo programa de intercambio promovido pela instituição financeira privada foi essencial para a tomada de decisão na realização do intercâmbio?

13 O valor da bolsa foi suficiente para o período realizado do intercâmbio?

14 Quais desafios enfrentados durante o período de intercâmbio?

15 Qual a sua motivação para realização do intercâmbio?

16 Como foi o processo de retorno para o país de origem?

17 Qual a contribuição da Universidade e da Instituição Financeira Privada no processo de intercâmbio? Ainda possui vínculo com as instituições?

18 Qual a importância da realização do intercâmbio para formação acadêmico-profissional? Indicaria amigos/colegas a participarem do programa?